

Estudo de solos do município de Chiapetta - RS

Resumo

O município de Chiapetta, situado no noroeste do Planalto do RS, faz parte da atual autodenominada região Celeiro, que engloba vários municípios das antigas regiões das Missões e Alto Uruguai. Situadas sobre derrames fissurais de rochas basálticas de natureza alcalina, que foram estratificadas ao longo de sucessivos eventos, as terras locais são produtos de alta meteorização e lenta dissecação de um Planalto imenso a partir do período Cretáceo. Pela natureza homogênea alcalina das rochas básicas e sua ampla extensão regional, se verifica um modelamento local, nas formas de relevo, muito semelhante ao da região circunvizinha.

A vegetação composta inicialmente por uma floresta denominada pelo IBGE (1986) como Floresta Estacional Decidual Submontana em contato com a Estepe Gramíneo-Lenhosa, está praticamente extinta, com restos ocasionais de pequenas áreas isoladas ainda nos vales de drenagem. As culturas, principalmente de soja, milho, trigo, azevém, aveia e girassol, cobrem a paisagem em sucessivos cultivos.

As formas brandas do relevo, que se iniciaram a partir de um planalto, através dos processos erosivos, foram se individualizando em chapadas com aspectos mamilonares de encostas suaves, que lembram um relevo suave ondulado. As elevações, que se assemelham às coxilhas do Sul, formam um relevo ondulado por se situarem próximas aos rios principais onde estão submetidos aos processos erosivos naturais mais intensivos. As depressões de drenagem, que se interrelacionam com as chapadas, são vales largos, rasos e antigos. Os vales depressivos estreitos, com cortes abruptos nas encostas, formam drenos naturais. Relacionam-se como as formas erosivas mais ativas de transformações do relevo antigo, que estão modelando atualmente as superfícies, antes aplainadas, em formas alongadas de espigões.

Os solos, antes denominados por Costa Lemos em Brasil (1973) e IBGE (1986) de Latossolo Roxo Distrófico, em virtude da intensiva meteorização, com formação de resíduos oxidicos e caulínícos e do estabelecimento de uma estrutura, moderada à forte, de blocos subangulares e outros atributos, estão sendo denominados, na sua maioria, de Nitossolo Vermelho Distroférico ou Eutroférico, latossólico. Ocupam as chapadas e as coxilhas.

Pelotas, RS
Setembro, 2004

Autores

Noel Gomes da Cunha
Eng. Agrôn., M.Sc.,
Embrapa Clima Temperado.

Ruy José Costa da Silveira
Eng. Agrôn., M.Sc., Prof.
UFPeI-FAEM, Pelotas, RS.

Carlos Roberto S. Severo
Eng. Agrôn., M.Sc., Prof.
UFPeI-FAEM, Pelotas, RS.

Foto: Roger Garcia Mendes



Nos vales, o Nitossolo Vermelho Eutroférico ou Distroférico está situado no nível inferior como latossólico. Em virtude de ocorrências de solos mais férteis, superficialmente, está sendo usada provisoriamente a denominação chernossólico no nível inferior. Há, ocasionalmente, nos vales e superfícies recentes, Chernossolo Argilúvico Férico saprolítico.

A terra tem sido usada com culturas intensivas de soja, milho e trigo em sistema de plantio direto, em uma agricultura muito desenvolvida. A adição de insumos, relativos aos controles de doenças e pragas das plantas, além dos herbicidas para controle da vegetação invasora, se apresenta como um questionamento da sua sustentabilidade.

As classificações das terras, que se propõem a orientar a sociedade para um uso básico apropriado, têm perdido um pouco o seu sentido, quando a agricultura local atinge um estágio de desenvolvimento que, além de unir os segmentos compartimentados de agricultores, pesquisa e desenvolvimento, encontra mercado com bons preços para seus produtos. Com isso, as formas de relevo mais significativas (classes de capacidade de uso IIse e IIIse, próprias a cultivos anuais com limitações de solos e suscetibilidade à erosão - 62,33%) estão tendo os tratamentos que a pesquisa atual recomenda. Os vales que ainda não foram ocupados com culturas perenes são as áreas de risco (classes de capacidade de uso VIse e VIIse, próprias a cultivos perenes com limitações de solo e suscetibilidade à erosão - 37,67%). Devem ter um uso mais parcimonioso e suas respostas às explorações de frutíferas, intercaladas com a vegetação perene, ainda existente, devem ser melhor estudadas. A contaminação por resíduos, provenientes dos inúmeros tratamentos utilizados contra pragas, doenças e vegetação espontânea natural, deve ser controlada, pois os vales, conduto natural das águas de uso doméstico, contêm a estrutura residencial dos agricultores.

Introdução

O estudo dos solos do município de Chiapetta, em nível de reconhecimento, faz parte das proposições da Embrapa Clima Temperado para fomentar o desenvolvimento regional. Além disso, também responde ao questionamento dos produtores rurais e de seus órgãos representativos que, ao atravessarem ciclos contínuos com culturas ou atividades agrícolas que gradativamente deixam de ser rentáveis, procuram novos parâmetros para a diversificação com outras culturas.

Nesse contexto, regiões circunvizinhas no Planalto, embora definidas por sua alta produtividade em cereais (milho, soja e trigo) como região Celeiro, têm apresentado períodos de crises para algumas camadas sociais, que gradativamente deixam de ser contempladas com atividades ou com lucros próprios de uma economia que se ajusta em função de parâmetros globais, onde novas tecnologias incorporadas ao processo produtivo substituem o homem no trabalho do campo e tornam continuamente obsoletos produtos, máquinas e atividades.

Até onde registra a história, essa região do Planalto teve ciclos distintos na sua economia, que começaram com a exploração da erva-mate, pelos jesuítas, com o trabalho indígena. Com o domínio português, houve um progressivo incremento da pecuária com o desmatamento ocasional e gradativo da floresta densa e exuberante, para o pastoreio (Oliveira 2000). Posteriormente, as grandes fazendas foram cedendo espaço a um processo de "colonização", onde a agricultura intensiva, em médias e pequenas propriedades, se estabeleceu com cultivos de trigo, milho e soja, além da criação de aves e suínos. Essa evolução drástica, das atividades do uso da terra, trouxe, na época, além das variações econômicas positivas próprias dessas culturas, gradativamente, uma contribuição de aspectos negativos, como infestações de doenças (trigo) e saturação do mercado dos seus produtos (suínos). No geral, houve um crescimento econômico regional, pelas novas atividades relativas à intensidade do uso da terra, mas o surgimento acentuado dos processos erosivos foi um grave problema para a economia regional na época.

A erosão que chegou a níveis drásticos, foi atenuada no início pelos meios de controle usuais próprios da época, até ser controlada, quase que totalmente pelos métodos de plantio direto, no final da década de 80.

Atualmente, a sociedade está questionando se a intensificação do uso de produtos químicos nos solos e nos cultivos não irá contribuir para uma nova crise. Esse fator tem sido uma das questões abertas para a pesquisa, que não tem respostas definitivas para as conseqüências e nem é capaz de estimar o preço que está sendo pago a esse controle de pragas e doenças. Somam-se ainda a erradicação de invasoras, com uso de dessecantes nas culturas e controle a erosão pela adição de produtos químicos. Esses questionamentos por si só parecem ser um caminho para uma nova geração, já que as antigas não encontraram soluções para conviver com uma floresta de potencial desconhecido, que talvez tivesse outros rumos econômicos a longo prazo. O imediatismo dessa dinâmica econômica imposta a essa região tem de ser reavaliado.

Sobre esses aspectos, de uma agricultura que marcha acelerada para caminhos não conhecidos em sua sustentabilidade, é que a sociedade local procura parâmetros para a conservação produtiva das suas terras. Este estudo de solos pretende fornecer um conhecimento regional das paisagens fisiográficas locais e suas relações com os solos, definidos dentro das taxonomias, usuais e passadas, que, pelo uso regional, ainda são marcantes.

Estes estudos são um degrau de um só segmento, onde os problemas que se inserem na sustentabilidade, relações de produtividade e produtos adicionados, que sustentam essa agricultura, precisam de pesquisas específicas.

O suporte financeiro, que possibilitou a execução deste estudo, foi dado pelo CNPq, através do Projeto "Tecnologias para a produção sustentável e processamento de frutas de qualidade competitiva para o agronegócio - FRUTEMP".

Os autores agradecem a generosa colaboração do Doutor Romeu Rohde, técnico da Emater, pelo apoio a todas as ações que possibilitaram esse trabalho.

Revisão Bibliográfica

Aspectos locais

O município de Chiapetta, situado no noroeste do Planalto do RS, faz parte da atual autodenominada região Celeiro que engloba vários municípios das antigas regiões das Missões e Alto Uruguai. Situada sobre derrames fissurais de rochas basálticas de natureza alcalina e estratificadas ao longo dos sucessivos eventos geodinâmicos, as terras locais

são produtos de uma alta meteorização e dissecação de um planalto imenso, a partir do período Cretáceo. Pela natureza alcalina das rochas básicas e pelos níveis altimétricos locais, pouco diferenciados das nascentes das bacias hidrográficas, até ao maior aprofundamento dos rios locais, se verifica um modelamento regional lento, nas formas de relevo, muito semelhante à região circunvizinha.

Conforme CHIAPETTA (2000), o clima local é de uma região quente com temperatura média anual de 19,3°C, e média das máximas de 26,3°C. O mês mais quente corresponde a janeiro, no qual a temperatura média é de 24,6°C, a média das máximas de 32,0°C e a média das mínimas de 18,4°C. O mês mais frio corresponde a junho, no qual a temperatura média é de 14,0°C, sendo a média das temperaturas mais altas de 20,7°C e a média das mínimas de 8,2°C. Conforme Wrege (2004), durante o período de inverno há cerca de 200 a 300 horas de temperaturas abaixo de 7,2 °C. O risco de ocorrência de geada é cerca de 30%*.

Segundo CHIAPETTA (2000), conta o município com reservas de água de três rios: Inhacorá, ao Nordeste; Buricá, na parte central, e Passo Fundo, ao sul e sudoeste, sendo o de maior importância o rio Buricá, porque separa o centro do município, onde de destaca a hidrelétrica Nildo Bonfanti, da Cooperativa de Eletrificação Rural de Ijuí.

A estrutura fundiária apresenta uma distribuição de terras que tem como limite o Rio Buricá. Ao norte, encontram-se as pequenas e médias propriedades, onde residem 75% dos agricultores. A grande propriedade representa 33%, em um total de 591 estabelecimentos, com 15% dos agricultores residindo no local e os demais em centros maiores (Tabela 1).

*Comunicação pessoal do eng. agrôn. Marcos Silveira Wrege, da Embrapa Clima Temperado, Pelotas RS, para os autores.

Tabela 1. Distribuição fundiária do município de Chiapetta, rs.

Grupo área (ha)	N.º de estabelecimento	%	Área (ha)	%
00-10	139	23,52	667	1,68
11-20	238	40,27	3.704	9,32
21-50	133	22,50	4.038	10,16
51-100	33	5,58	2.373	5,97
101-200	15	2,54	2.063	5,19
201-500	19	3,21	6.113	15,38
501-1000	4	0,68	2.547	6,41
1001-2000	6	1,02	7.176	18,05
2001-5000	4	0,68	11.069	27,84
Total	591	100	39.750	100

A produção agrícola atual no município está estruturada na monocultura da soja, sendo esta a principal atividade da grande maioria dos produtores. Ocupa em torno de 75% da área agricultável, sendo os 25% restantes distribuídos com as culturas de milho, trigo, aveia e pastagem.

Na pecuária, a produção de leite é a principal atividade da pequena e média propriedade. A produção é voltada para abastecer um mercado consumidor regional. O rebanho leiteiro é formado principalmente pelas raças holandesa e jersey. A inseminação artificial é a responsável pela maior qualidade e produtividade. A atividade leiteira é integrada em parceria com a agricultura que fomenta uma melhor alimentação aos animais, seja em pastagens naturais (raras) ou cultivadas, confinadas ou no campo. Quanto a pecuária de corte o município tem a característica de engordar animais oriundos de outras regiões. Essa atividade ocorre mais intensivamente no período de inverno e meados da primavera, aproveitando as pastagens naturais de azebém e as cultivadas com aveia.

Historicamente, a cultura da erva-mate, hoje desativada, iniciou os ciclos econômicos locais. Posteriormente, a pecuária foi sendo introduzida nas áreas desmatadas. A colonização que acelerou os processos de desmatamento teve nos cultivos anuais, próprios à subsistência, o sustentáculo de outras atividades.

A suinocultura foi responsável pelo desenvolvimento socioeconômico do município, até ano de 1970. Com a expansão das culturas do trigo e da soja e uma política de mercado oscilante, a cada ano, caiu muito o interesse por essa atividade. Mesmo assim, representa um bom potencial na geração de rendas no município. Associadas a esta atividade, há ainda a avicultura e piscicultura em pequena escala.

Além disso, conta o município com atividades industriais em couro, manufaturados por pequena indústria, com a transformação em calçados, botas, cintos, bolsas, sandálias, etc. O trigo e o milho são beneficiados por uma micro-empresa, atendendo a uma clientela em que os subprodutos destes cereais formam parte da cesta básica de consumidores.

Aspectos de vegetação

A vegetação atual que cobre o município é praticamente toda de uma sucessão de culturas regionais de inverno (trigo, aveia, azevém, canola) e verão (soja, principalmente e milho e girassol). Praticamente a terra tem uso contínuo nas duas estações. Ou está cultivada ou está sendo preparada para novas culturas, através do controle da nova vegeta-

ção, com herbicidas dita de invasoras de pequeno porte, que tentam se restabelecer. Entre as culturas de verão e inverno pode se estabelecer o cultivo do nabo forrageiro para adubação verde. Áreas de pastagens, somente com pastejo, são raríssimas.

Ocasionalmente, há fragmentos isolados de uma mata nativa exuberante preservada apenas em pequenas áreas, que não passam de 1 a 3 ha. Normalmente, a maior parte de árvores nativas de grande porte e de boa qualidade são encontradas esparsas nos vales, onde os agricultores construíram as suas casas em função da disponibilidade de água local. Além da sombra e dos contrastes altimétricos, com as frutíferas introduzidas na região, essas espécies, atualmente pouco comuns, parecem ter nesta nova geração de agricultores, uma garantia de preservação mais pelas formas exuberantes do que pelo valor atual.

IBGE (1986) considera que, ainda no início do século passado, a área originalmente fazia parte do contato da Estepe Gramíneo-Lenhosa com a Floresta Estacional Decidual Submontana. Na verdade, desse contato entre a floresta com a estepe, só resta a suspeita de que o antropismo, tanto causado pelos fazendeiros como pelos índios locais, seja o responsável pelos indícios iniciais de degradação do sistema florestal com o aparecimento de espécies da Estepe.

O intenso desmatamento da floresta se efetivou com a venda de fazendas para a implementação do processo de colonização. Essa colonização foi seguida de uma ocupação agrícola e pecuária intensa, adaptada principalmente às dificuldades impostas pelo relevo das terras. Atualmente, a quase totalidade das áreas, em face da região não conter afloramentos rochosos, é ocupada por culturas cíclicas. Entretanto, há raras culturas ocasionais permanentes, como o eucalipto e a erva-mate.

IBGE(1986), analisando o contexto climático local, descreve que durante o ano há dois períodos térmicos distintos: um, com temperatura média, das médias, superior a 20°C, durante os meses de novembro, dezembro, janeiro e fevereiro (verão), e outro, com temperatura média, das médias, inferior a 15°C, nos meses de junho, julho e agosto (inverno). Não foram observados períodos de déficit hídrico.

Esse mesmo órgão de pesquisa descreve a estrutura da Floresta Estacional Decidual Submontana, ora representada por dois estratos arbóreos distintos: um, emergente, aberto e decíduo, com altura variando entre 25 a 30 metros e outro, dominado e contínuo, de altura não superior a 20 metros, formado principalmente por espécies perenifoliadas, além de um estrato de arvoretas. Comenta que a

fisionomia decidual desta floresta é determinada pelo estrato emergente, dominado por leguminosas caducifólias, onde se destacam a *Apuleia leiocarpa* (grápia) e a *Parapiptadenia rigida* (angico). Acentua que há uma diversificada florística, com aspectos distintos, em função de pequenas variações ambientais, determinadas por parâmetros litológicos, geomorfológicos, edáficos e climáticos.

Descrevendo essa floresta, IBGE(1986) comenta que os elementos arbóreos que constituem o estrato emergente da Floresta Estacional Decidual são de origem tropical, apresentando, portanto, dois períodos fisiológicos distintos: um higrófito, de alta transpiração, quando com folhas, e outro, xerófito, sem transpiração, quando sem folhas. O caráter de estacionamento, pelos efeitos do clima, para esta região florestal, é determinado pelo período de baixas temperaturas que, fisiologicamente, exerce sobre as plantas o mesmo efeito da seca.

Para esse órgão de pesquisa, as variações nos gradientes ecológicos fundamentais permitiram a individualização da formação Submontana, limitada às condições altimétricas entre 30 e 400 metros. Esta formação Submontana ocupa formas de relevo que variam de suavemente ondulado a dissecado (superfícies muito rugosas).

Para IBGE (1986), na sua estrutura, esta formação florestal caracteriza-se localmente por apresentar um estrato arbóreo emergente, aonde predominam *Apuleia leiocarpa* (grápia), *Parapiptadenia rigida* (angico), *Myrocarpus frondosus* (cabriúva), *Cordia trichotoma* (louro) e *Phytolacca dioica* (umbu); outro estrato dominado constituído por: *Patagonula americana* (guajuvira), *Luehea divaricata* (açoita-cavalo), *Nectandra megapotamica* (canela-preta), *Eugenia rostrifolia* (batinga), *Ocotea puberula* (canela-guaicá) e *Pachystroma longifolium* (mata-olho); ainda um estrato de arvoretas formados por: *Actinostemon concolor* (laranjeira do mato), *Sorocea bonplandii* (cincho) e *Trichilia clausenii* (catinguá); além da regeneração de espécies dos estratos superiores.

Nesses possíveis contatos desta floresta com a estepe Gramíneo Lenhosa, IBGE (1986) cita como espécie dominante *Aristida pallens* (barba-de-bode). Algumas como *Ateleia glazioviana* (timbó) ainda ocorrem nas bordas das estradas e campos poucos cultivados. Além disso, nas áreas de drenagem, é encontrada em meio a capões *Bambusa trini* (taquaruçu) e *Erythrina cristagalli* (corticeira).

Aspectos geológicos

A caracterização do embasamento geológico regional do Planalto tem sido de certa forma, aceita de

maneira muito generalizada como um domínio de basalto. Entretanto, há necessidade de uma diferenciação nessas variações rochosas locais.

Conforme Holz (1999), até ao período Jurássico, parte do RS era coberto por um deserto arenoso aplainado, proveniente de depósitos fluviais anteriores.

O mesmo autor cita que o Planalto e a Serra Gaúcha, com seus quase mil metros de altura, existem graças ao vulcanismo de fissuras que começou a ocorrer há 190 milhões de anos. Esse autor, descrevendo o evento, acentua que o vulcanismo produziu lava em quantidade suficiente para cobrir praticamente todo o deserto. Os primeiros pulsos de lava eram fracos e duravam pouco tempo. Eram limitados e geograficamente localizados em apenas algumas áreas descontínuas. Logo o vento os recobriu de areia. Mas, com o passar do tempo, os pulsos vulcânicos ficaram mais frequentes e fortes. A lava brotava em corridas sucessivas, não deixando tempo para a areia eólica cobrir a rocha formada. Assim a paisagem do Estado foi novamente modificada, e o grande mar de areia desapareceu sob uma sequência muito espessa de rochas basálticas.

Acentua ainda que demoraria algumas centenas de anos para resfriar essa planície e transformar o último resquício de lava em basalto. A paisagem sul do Planalto Rio-Grandense se transformou em uma imensa área relativamente plana, totalmente constituída de basalto, nu, sem cobertura de solo nem vegetação. Com o decorrer do tempo, gradativamente os processos de erosão e intemperismo criaram uma camada de solo na superfície rochosa recém-formada. Rios e lagos se instalaram novamente e transformaram o Planalto.

Para esse autor, ainda no Jurássico, após ou concomitante com o intenso vulcanismo de fissuras, que terminou com a existência do deserto, iniciou-se a fragmentação do continente. Com isso o mar invadiu as bordas do sul do Planalto.

Segundo Leinz Amaral (1975), as lavas vulcânicas possuem velocidade de acordo com as suas formas, texturas e estruturas, que dependem da sua viscosidade. Além disso, a quantidade e as condições topográficas, também exercem influência no que diz respeito ao modelamento do terreno. As lavas viscosas, via de regra, são aquelas ricas em sílica, de composição química semelhante à das rochas graníticas, e são denominadas lavas ácidas. Este tipo forma derrames curtos, espessos, raras vezes bifurcados, como consequência da sua alta viscosidade. A frente e os flancos dos derrames são abruptos. Em casos de viscosidade muito elevada,

não se derrama e sim forma cúpulas de represamento, e até extrusões quase sólidas. Consolidam-se rapidamente e não há tempo suficiente para a formação de cristais, que exigem a ordenação e agrupamentos dos átomos. Forma-se então o vidro vulcânico, amorfo. A cor é preta, podendo, às vezes, ser avermelhada ou leitosa. Esta se deve à difusão de bolhas microscópicas de gases, enquanto que a cor vermelha é conseqüente da oxidação do ferro. Quando as condições de pressão e de viscosidade são favoráveis, há expansão dos gases contidos na lava. Forma-se uma verdadeira espuma que, ao se consolidar, dá origem à pedrapomes. Nos vidros esses gases se encontram dissolvidos.

As lavas fluídas, por sua vez, são normalmente de constituição básica, ou seja, são pobres em sílica, tendo a composição química análoga à das rochas basálticas. Possuem grande mobilidade e durante seu derramamento ajustam-se às irregularidades do terreno. Sendo grande o declive, a corrida é fina e estreita. O mecanismo do movimento é análogo a um líquido. Ele é mais rápido no centro da torrente, diminuindo nas bordas. A consolidação se dá tanto pela irradiação térmica da lava para o espaço, como pela condução do substrato. Essa lava torna-se coberta por uma crosta sólida, que se modifica constantemente no seu aspecto, graças ao movimento do derrame. A sua superfície apresenta-se com aspectos variáveis, dependendo do grau de viscosidade e da quantidade de gases contidos. Assim o derrame pode tomar o aspecto de lava em blocos ou lava em corda.

Na lava em blocos, sua superfície é áspera, fendilhada, resultando do aspecto geral fragmentos agudos e lascas. As vesículas de gases no seu interior são raras, e quando presentes são grandes e de formas irregulares. A cor é frequentemente avermelhada, graças à oxidação provocada pelo ar que percola facilmente pelas fendas da lava. A temperatura é relativamente baixa e a quantidade de gases é grande, sendo estes os fatores que determinam este tipo de lava. O escape dos gases ou a sua concentração em grandes bolhas influem também no aspecto morfológico deste tipo de lava. A frente destes derrames constitui-se num amontoamento de blocos em movimento. Esta frente é rica em pequenas vesículas resultantes da inclusão dos gases durante a consolidação.

A lava em corda movimentada-se como uma massa pastosa fluída, coberta por uma película consolidada, que se enrugua pelo movimento, tomando a forma de cordas perpendiculares à direção do movimento. Durante a corrida, a lava esfria-se e consolida-se rapidamente na superfície e na base, podendo formar um canal ou túnel consolidado em

volta da lava ainda em fusão e em movimento. Assim sendo, uma lava pode ocorrer sobre um substrato, provocando pouco ou nenhum metamorfismo térmico como ocorreu onde o basalto se derramou por sobre o arenito (Botucatu, Mesozóico) sem modificá-lo em grande escala (município de Manuel Viana). Estes derrames consecutivos determinaram espessuras consideráveis, de várias centenas de metros, em muitos lugares.

Para IBGE (1986), a Formação Serra Geral recobre o Planalto do RS, constituindo-se numa sucessão de corridas de lavas, de composição predominantemente básica, apresentando uma sequência superior identificada como um domínio relativo de efusivas ácidas. Nas sequências básicas inferiores, localmente, é possível a identificação de poucos níveis vulcânicos ácidos, que apresentam pequenos volumes e restrita continuidade. Diques e corpos concordantes de diabásio, encaixados em unidades rochosas, mais antigas, e relacionados às efusivas, têm ocorrências ocasionalmente na área.

Ainda para IBGE (1986), essa Formação, tendo se extravasado desde o Triássico Superior, desenvolveu-se de modo significativo durante o Juracretáceo. No geral, é considerada como agrupando uma espessa sequência de vulcanitos, eminentemente basálticos, podendo conter termos ácidos intercalados, que se tornam mais abundantes no topo do pacote. Esses vulcanitos, ou emissores de lava ácida, estão intimamente relacionados aos processos geodinâmicos que culminaram com a abertura do Atlântico Sul e a conseqüente separação continental América do Sul-África. Com isso, os vulcanitos fissurais então associados a magmas, de resfriamento mais profundos. Nestes locais há inúmeros diques horizontais e corpos irregulares de diabásio.

Localmente, em Chiapetta, observa-se essa sequência de derrames de efusivas básicas, cada um com espessura limitada entre 2 a 5 metros, com frequente mudança na sua constituição. Não se observam as ocorrências esparsas e raras de pequenas deposições de rochas ácidas, como nos limites com o município de Santo Augusto, onde há morrotes com rochosidade saliente na superfície.

A forma do estabelecimento desses níveis de basalto, sobre a crosta superficial do arenito Botucatu, e a espessura das camadas de rochas vulcânicas, têm um significado muito grande na constituição das reservas de água subterrâneas. IBGE(1986) relata que as camadas de basalto são mais espessas, no norte e no leste do Estado, chegando a 1000 metros. Diminuem para oeste e sul, com espessura de 30 a 50 metros em Santa Maria. Em poços perfurados na região, têm sido

encontrada água a profundidades de 180 a 200 metros com o surgimento das areias do arenito Botucatu.

Como regra geral essas rochas, superficialmente, são pouco fissuradas pelos processos de ajustes das camadas (tectonismo), porque são de idades mais recentes, onde os ajustes da crosta foram menos intensivos. As diaclases (fraturas) dessas rochas ocorrem normalmente nas camadas mais profundas, onde o peso dos blocos rochosos conduz a ajustes que causam fraturas. Com isso, as camadas superficiais, pouco fraturadas, não são infiltradas pela água das chuvas, a níveis significativos, como ocorre com as rochas graníticas que chegam a superfícies lentamente já fissuradas. Localmente, poucos poços exploram águas nessas reservas de fissuras com baixo aproveitamento em termos quantitativos.

Em virtude disso, essas rochas não expõem vertentes, ao longo do tempo nas encostas, como os granitos da região Sul do Estado. Os granitos expõem vertentes ao longo das encostas modelando com isso a ocorrência e natureza da vegetação de acordo com a disponibilidade de umidade localizada. Essas rochas efusivas básicas somente são boas receptoras de água quando são porosas pela intrusão de gases nos derrames. Mesmo assim, a porosidade dessas rochas só é efetiva quando as camadas são fendilhadas (diaclasadas) pelo tectonismo, para a união desses macroporos se constituírem em vazios significativos de reservas de água.

Normalmente, nessas configurações rochosas horizontais sólidas, de textura pouco porosa, a água retida está apenas nas camadas muito argilosas dos solos locais e se move nas encostas, quando há saturação dos horizontes inferiores, através da alta porosidade desse material residual. Com isso, as bacias depressivas arredondadas (côncavas), que se assemelham a pequenas veredas, produto inicial do processo erosivo nessa dissecação gradativa e uniforme das encostas, são muito uniformes em todos os aspectos e contêm poucas reservas de água, seguindo um modelo liso de encosta. Não há nascentes que possibilitem a mudança da vegetação a não ser mera adaptação total as variações e ao clima local. Solo e vegetação apresentam o mesmo modelo fisiográfico em função de uma disponibilidade constante e uniforme de umidade ao longo dos anos.

Metodologia

O estudo em nível de reconhecimento delinea cartograficamente, por meio de fotos aéreas verticais, na escala 1:60.000, do ano de 1965,

unidades de relevo onde são determinados solos, classes de capacidade, aptidão agrícola das terras e as principais estradas de rodagem, redes hidrográficas e açudes.

Para a classificação taxonômica foi usada o Sistema Brasileiro de Classificação dos Solos (Embrapa, 1999) e o Sistema de Classificação Americano - Soil Taxonomy (USA, Soil Survey Staff, 1996).

As terras foram classificadas utilizando-se o sistema denominado capacidade de uso das terras (Lepsch et al., 1983 e ESTADO UNIDOS, 1951), que se baseia nos fatores limitantes à utilização e o relacionamento com a intensidade de uso. Este sistema foi elaborado, primordialmente, para atender ao planejamento de práticas de conservação do solo, prevendo oito classes de capacidade de uso, convencionadas pelos algarismos romanos de I a VIII. As classes I, II e III são próprias para culturas anuais, porém os riscos de degradação ou grau de limitação ao uso aumentam da classe I à III; a classe IV somente deve ser utilizada ocasionalmente para culturas anuais, mesmo assim com sérios problemas de conservação.

As classes V, VI e VII são inadequadas para culturas anuais, mas próprias para culturas permanentes (pastagem ou reflorestamento), nas quais os problemas de conservação aumentam da classe V à VII. A classe V é restrita a terras planas inundáveis e a classe VIII é imprópria para qualquer tipo de cultivo (anual, pastagem ou reflorestamento). Para determinar a capacidade de uso das terras, consideram-se os fatores que possam ser limitantes à produtividade das culturas ao longo do tempo. Os fatores são identificados pela letra minúscula "e" (limitação por suscetibilidade à erosão), "s" (limitação relativa ao solo), "d" (limitação devida ao excesso de água) e "c" (limitação climática). Esses símbolos gerais são considerados subclasses e tem por objetivo evidenciar as principais limitações. No caso, não se considera a subclasse clima como variável para a classificação, entretanto a deficiência de água está diretamente relacionada a este fator. As glebas de terras de mesma classe e subclasse, quando necessitam tratamentos diferenciados pela constituição dos solos, principalmente, são denominadas de unidades de produção. Na verdade essa classificação foi feita para dar condições à implementação efetiva de sistemas de controle à erosão que no início do século passado estava destruindo os solos na América do Norte. Aqui no País tem sido usada para fomentar uma idéia de potencialidade agrícola das terras. Esse conceito generalizado parece próprio, pois à medida que a erosão acelerada passou a ser quase debelada por práticas conservacionistas de plantio direto, essa diferença de risco imediato, que limitava uma classe

da outra, parece ter se tornado menor.

Em virtude disso, cultivar a terra suscetível à erosão acelerada é possível, mas o conjunto de dificuldades e os efeitos inerentes dos tratos culturais ainda são os mesmos, portanto, as diferenças e graus de dificuldades entre classes ainda existem. Situar essas diferenças e dificuldades de corrigi-las dentro de uma ordem que efetivamente represente os fatores econômicos parecem um caminho para uma nova taxonomia.

Além disso, está sendo usado o sistema de aptidão agrícola das terras (Ramalho Filho & Beek, 1995), que se diferencia do anterior por procurar atender, embora subjetivamente, a uma relação custo/benefício favorável. No caso, não foram considerados fatores econômicos. Atende-se a uma realidade compatível com a média das possibilidades dos agricultores, numa tendência econômica a longo prazo, sem perder de vista o nível tecnológico adotado. O sistema consta de seis grupos de aptidão agrícola de terras. São eles os grupos 1, 2, 3 (cultivos anuais), 4 (pastagens cultivadas), 5 (pastagem natural e silvicultura) e 6 (inapto ao uso agrícola praticamente inexistente no município). Além disto, o sistema considera três tipos de níveis de manejo: A (primitivo, sem tecnologia), B (intermediário, com alguma tecnologia) e C (alto nível tecnológico). Para cada tipo de manejo (A, B ou C), a aptidão da terra pode ser "boa" (representada pela letra maiúscula do respectivo manejo), "regular" (letra minúscula), "restrita" (letra minúscula entre parênteses) e "inapta" (ausência de letras).

Para determinar a aptidão agrícola, consideram-se os seguintes fatores limitantes: fertilidade natural, excesso de água, falta de água, suscetibilidade à erosão e impedimentos à mecanização. Cada um destes fatores é avaliado quanto à intensidade ou grau da limitação, podendo ser nula (N), ligeira (L), moderada (M), forte (F) e muito forte (MF). O grau de limitação mais acentuado define a classe de aptidão em cada nível de manejo. A avaliação do grau de limitação é baseada na experiência dos executores e em dados regionais. Os materiais cartográficos básicos à disposição para o levantamento foram aerofotos na escala de 1:60.000, carta do Serviço Geográfico do Exército na escala 1:50.000, e programas de computador Idrisi, CartaLinx e CorelDraw.

Os mapas anexados no final do texto indicam a descrição geral da área, solos (classificação taxonômica), formas de relevo, capacidade de uso, bacias hidrográficas e aptidão agrícola das terras, na escala aproximada de 1:111.000.

A seqüência de atividades desenvolvidas foi:

a) fotointerpretação preliminar para delineamento de

- superfícies homogêneas, sob o ponto de vista de tonalidade fotográfica e relevo;
- b) percurso da área para analisar a relação entre as superfícies homogêneas delineadas, material de origem, vegetação, características, distribuição dos solos e coleta de perfis de solos;
- c) confecção da legenda preliminar com as formas de relevo das diferentes superfícies;
- d) novo percurso da área, para certificar-se dos pontos onde havia dúvidas sobre a geologia e solos;
- e) interpretação das análises químicas para caracterização das unidades;
- f) classificação dos solos nos diferentes sistemas taxonômicos e no sistema interpretativo;
- g) confecção dos mapas e relatório descritivo.

As análises químicas necessárias foram realizadas de acordo com os métodos descritos no Manual de Métodos de Análises de Solo Embrapa (Brasil, 1979):

- pH em água e pH em KCl;
- Ca^{2+} , Mg^{2+} , extraídos com KCl 1 M e determinados por espectrofotometria de absorção atômica;
- Na^+ , K^+ , extraídos com HCl 0,05 M + H_2SO_4 0,025 M e determinados por fotometria de chama;
- P, extraído com HCl 0,05 M + H_2SO_4 0,025 M e determinado pelo espectrofotômetro;
- H^+ + Al^{3+} , extraídos com $\text{Ca}(\text{OAc})_2$ 1 M pH 7,0 e titulados com NaOH 0,0606 M e fenolftaleína como indicador;
- Al^{3+} , extraído com KCl 1M e titulado com NaOH 0,025 M e azul-bromotimol como indicador;
- A determinação do carbono orgânico no solo, descrita por Tedesco et al. (1995), é baseada no método de Walkley & Black, descrito por Alisson (1965). É caracterizada pela oxidação com dicromato de potássio ($\text{K}_2\text{Cr}_2\text{O}_7$ 1M) em meio ácido. A determinação do C orgânico envolve a conversão de todas as formas de C para o dióxido de carbono (CO_2) por combustão úmida. O calor é obtido a partir da diluição do ácido sulfúrico (H_2SO_4 concentrado) em água deionizada, e não pelo aquecimento externo. A titulação é feita por sulfato ferroso (FeSO_4 0,5M). A cor da solução, no início varia de laranja-amarelado a verde-escuro, mudando para cinza turbido antes do ponto final de viragem e então, muda abruptamente para um vermelho tijolo, no ponto final da titulação.
- Ferro total extraído com solução de H_2SO_4 e determinado de acordo com o método 2.24 descrito no Manual de Métodos de Análises de Solo da Embrapa (Brasil 1979).
- Análise granulométrica determinada por dispersão em água com agente químico (NaOH) e agitação mecânica de alta rotação, sedimentação e determinação de argila pelo método da pipeta,

com areia grossa e areia fina, separadas por peneiramento, e silte calculado por diferença, não sendo empregado pré-tratamento para eliminação da matéria orgânica. O teor de argila natural foi determinado apenas com dispersão em água.

Os solos foram descritos conforme se inserem nas unidades de formas de relevo, (chapadas, coxilhas, vales aplainados e vales íngremes) aqui diferenciadas nas fotos aéreas, mais especificamente por seus aspectos geológicos, padrões de drenagem, vegetação, etc.. Assume-se que os solos estão distribuídos neste contexto como mais um dos componentes apenas. Além disso, as formas de relevo se relacionam intensivamente com o uso agrícola das terras, objetivo preponderante neste trabalho. Os perfis foram coletados em cortes de estradas. As estradas municipais dão acesso a todas as propriedades onde a constatação dos solos é feita sem restrições.

Na seção resultados, a qualificação das características dos solos são inseridas nas descrições morfológicas das unidades de relevo. Além disso, são utilizadas terminologias semelhantes que comparam solos regionais.

Resultados

O município de Chiapetta, situado na parte noroeste do Planalto, região das Missões, é composto por uma aparente chapada, única e antiga, entre 400 a 500 metros de altitude, em processo erosivo de dissecação muito branda. Localmente em detalhes, compõem um conjunto de pequenas chapadas (P_0), que são segmentadas por nascentes de sangas e arroios de pequeno porte que nos limites do município tomam a denominação de rios. Nesse conjunto de relevo antigo, que se modelou de forma muito lenta, em clima úmido e quente, os solos são de uma homogeneidade muito acentuada.

Nas depressões de drenagem, também de natureza antiga, situadas no início dos segmentos, as depressões côncavas são largas, com formas apenas depressivas rasas (V_a). Observa-se que os segmentos, posteriores a essas bacias iniciais de drenagem, mesmo quando estreitos, raramente possuem valas abertas e os drenos abertos atuais, que formam sangas muitas vezes, ainda compõem partes apenas das depressões da drenagem antiga. Os declives são muitos baixos e as águas de escoamento possuem baixa velocidade.

Os vales, que representam os segmentos de drenagem atuantes nesse sistema, foram agrupados pelas características intrínsecas de suas formas. Esses vales que ocorrem entre as unidades de

chapadas, principalmente, são partes de um relevo antigo, sem sangas abertas ou parcialmente abertas. De certa forma, na conjuntura florestal anterior, era um mecanismo próprio de contenção acentuada da evasão da água do sistema. Esses vales úmidos e largos, com seus fundos achatados e planos, nos seus segmentos iniciais, não apresentam bordas com declives acentuados no contraste com a encosta de nível mais elevado.

Onde as chapadas foram mais erodidas, nos contatos com maiores cargas hidráulicas, a noroeste, o relevo se tornou mais íngreme, caracterizado como ondulado (P_1). As superfícies possuem formas alongadas nos topos e solos mais rasos. Essas formas de colinas longas, transicionais para as coxilhas, possuem amplas encostas com declives às vezes maiores do que 10 % e solos com menor camada superficial laterizada.

À medida que a carga hidráulica se acentua, as características dos vales se diferenciam. Estes vales (V_e) aprofundam-se e tomam formas muitas vezes estreitas, principalmente, no contato com os drenos principais (rios Buricá e Inhacorá). Nestes contatos, de relevo mais íngreme, as encostas são agudas nos declives e, geralmente, se estabelecem vales aplainados nas bases, pela redução gradativa da carga hidráulica e deposições de sedimentos quaternários.

Chapadas (P_0)

Esta unidade de forma de relevo compõe o conjunto de topos aplainados de um antigo planalto que está sendo segmentado, por processos erosivos desde o período Cretáceo. Esse conjunto de pequenas chapadas, que aparenta um relevo suave ondulado, se assemelha às lombadas que ocorrem na região Sul, na maior parte provenientes de sedimentos aplainados no período Pleistocênico. O relevo brando, com superfícies lisas, de amplas e contínuas encostas, que se entrelaçam, sem sofrer cortes ou raramente são interrompidas, nas partes depressivas dos drenos naturais, na sua monotonia, se torna muito favorável às ações agrícolas (Figs. 1 e 2).

Os declives menores do que 10%, nas encostas mais acentuadas, não sofrem alternâncias na continuidade. Com isto as atividades agrícolas mecanizáveis são contínuas ao longo das propriedades, que não são divididas por cercas. Estas chapadas ocupam as cotas máximas de 520 metros.

O sistema rochoso, de minerais de fácil intemperização, que produzem altos níveis de compostos ferruginosos (óxidos e hidróxidos), que se agregam em partículas dos solos de nível inferior (argilas), sem serem significativamente transporta-

dos, forma perfis muito semelhantes. Quando comparáveis na catena, (seqüência de solos distribuídos desde os topos das chapadas até as bordas dos vales), apresentam pequena variabilidade. Nessas variações topográficas, mesmo nos locais próprios de possíveis perdas de elementos, as variáveis analíticas, que indicam o grau de intemperização dos solos, se mantêm constantes.

Os processos de meteorização, ao longo dos tempos, em minerais de maior grau de intemperização (baixos teores de sílica e altos teores de ferro e cálcio) do que os existentes nas rochas graníticas, condicionaram a efetivação de solos muitos profundos. Além de profundos, são muito argilosos e praticamente não possuem areias silicosas, cascalhos e pedras. Esse modelamento, muito lento pelos processos erosivos naturais, está condicionado a um somatório de climas passados úmidos e quentes. Neste contexto, a erosão superficial natural tem sido atenuada, possivelmente, pelo transporte interior das águas de drenagem, que têm como causa principal a aglutinação no interior do solo das partículas argilosas contidas pelos altos teores de óxidos. Este fator de alta permeabilidade interna é acentuado por Silva (1980), em Latossolo Roxo Distrófico, que em condições de mata natural constatou que a velocidade de infiltração da água no solo foi de 112,5 cm/hora, enquanto que, em área desmatada com cultivo de soja e milho, há mais de 20 anos, foi de 0,2 cm/hora. A infiltração acumulada chegou a 272 cm em duas horas na mata e 0,4 cm, nesse mesmo tempo, em área cultivada. Assim, onde entra a floresta como um participante muito ativo do modelamento das superfícies, formaram-se horizontes muito porosos, com intervalos abertos entre os blocos estruturais. Com isso, os solos se aprofundam sem horizontes diferenciados. No geral, constata-se, talvez pela ocorrência de climas mais quentes, que os efeitos da meteorização foram ou estão sendo muito intensos, pois os complexos de troca são dominados por óxidos e argilas caulínicas a uma profundidade maior do que 4 metros. Isto levou esses solos a serem denominados anteriormente de latossolos pelo antigo Serviço Nacional de Levantamento e Conservação de Solos (SNLCS) e por Oxissol, na Soil Taxonomy (1960). Entretanto, o transporte interno de partículas agregadas, embora ínfimo e de certa forma contínua, em todo o perfil, tem criado e mantido formas estruturais próprias de um arranjo bem ordenado que facilita o transporte interno da água. Essa estrutura é bem organizada e fragmentada em agregados, quando submetida a pressões. Inicialmente, se fragmenta em blocos subangulares de porte médio, mas são sucessivamente segmentados em partículas menores com as mesmas formas. Apresentam superfícies lisas que refletem um certo

brilho nas paredes por onde é feito o transporte da água interna. Estas formas estruturais, mesmo de composição oxídica, são lisas como se envolvidas por películas argilosas, o que tem sido caracterizado como um grau moderado de cerosidade. No contexto geral a catena, formada pela chapada, a meia encosta e o terço inferior das encostas, não apresenta as diferenciações, em termos de atributos físicos responsáveis pela variabilidade de umidade no solo como os que ocorrem nas regiões mais ao sul, provenientes de rochas graníticas. Entretanto esse sistema não parece eterno, pois conforme acentua Silva (1980) a estabilidade dos agregados do solo é temporária. O autor evidencia que, sem a presença da floresta, os macroagregados dos solos sob mata são gradativamente transformados em microagregados, pelo uso da terra com cultivos anuais, em um espaço de 20 anos (Tabela 2). Os dados colhidos, tanto em Chiapetta, como nos demais municípios vizinhos, mostram que o intemperismo, embora muito acentuado teve, como na Amazônia, a contenção de perdas de parte das bases trocáveis pela atuação da floresta então ainda conservada. Com isso, as bases trocáveis retidas nas superfícies do solo refletem um equilíbrio existente na região que possibilitam a manutenção de solos eutróficos nas superfícies (horizonte A) com altos teores orgânicos (chernozêmico).

No geral, a meteorização das encostas teve um tempo longo e suficiente para uniformizar todos os parâmetros de seus solos com os que ocorrem nas chapadas, em termos das variações químicas e físicas analisadas (Tabelas 3 a 12).

Ao se generalizar essas chapadas e suas encostas, com solos muito profundos, onde as camadas intemperizadas podem chegar a 5 ou 6 metros, o comportamento dos fatores analisados podem ser descritos, em termos de amplitude de variação, com um horizonte A, de 25 a 30 cm de espessura, cor vermelho-acinzentado-escuro (10 R 3/2), textura de argila a argila-pesada, estrutura em grumos e blocos subangulares, pequenos, moderada a forte, consistência muito friável úmida e macia quando seca, matéria orgânica de 1,34 a 3,25 %, acidez definida por pH de 4,84 a 6,50, alumínio trocável de 0,10 a 4,18 $\text{cmol}_c \cdot \text{kg}^{-1}$, saturação com o alumínio de 1 a 74%, soma de bases trocáveis de 0,81 a 8,46 $\text{cmol}_c \cdot \text{kg}^{-1}$, capacidade de troca de cátions de 5,91 a 11,76 $\text{cmol}_c \cdot \text{kg}^{-1}$, e saturação de bases de 14 a 74%.

A camada subsequente, horizonte BA, de 15 a 40 cm de espessura, possui cor vermelho-escuro-acinzentado, textura de argila-pesada, estrutura em blocos subangulares médios que se desagregam em pequenos e muito pequenos, forte, matéria orgânica de 1,53 a 2,21 %, acidez com pH de 4,54 a 5,65,

alumínio trocável de 0,46 a 3,80 $\text{cmol}_c.\text{kg}^{-1}$, saturação com alumínio de 7 a 70 %, soma de bases trocáveis de 0,71 a 5,74 $\text{cmol}_c.\text{kg}^{-1}$, capacidade de troca de cátions de 5,01 a 9,94 $\text{cmol}_c.\text{kg}^{-1}$ e saturação de bases de 14 a 60 %.

A camada inferior, horizonte Bnit.₁, de 25 a 50 cm de espessura, possui cor vermelho-escuro, textura de argila-pesada, estrutura em blocos subangulares médios que se desagregam em pequenos e muito pequenos, forte, matéria orgânica de 0,98 a 1,80 %, acidez com pH de 4,68 a 5,23, alumínio trocável de 0,66 a 2,96 $\text{cmol}_c.\text{kg}^{-1}$, saturação com alumínio de 14 a 70 %, soma de bases trocáveis de 0,82 a 4,02 $\text{cmol}_c.\text{kg}^{-1}$, capacidade de troca de cátions de 2,92 a 7,92 $\text{cmol}_c.\text{kg}^{-1}$ e saturação de bases de 29 a 70 %.

A camada inferior, horizonte Bnit.₂, de 15 a 50 cm de espessura, possui cor vermelho-escuro, textura argila-pesada, estrutura em blocos subangulares médios que se desagregam em pequenos e muito pequenos, forte a moderada, matéria orgânica de 0,46 a 1,48 %, acidez com pH de 4,59 a 5,33, alumínio trocável de 2,06 a 4,40 $\text{cmol}_c.\text{kg}^{-1}$, saturação com alumínio de 68 a 77 %, soma de bases trocáveis de 0,62 a 1,32 $\text{cmol}_c.\text{kg}^{-1}$, capacidade de troca de cátions de 2,92 a 5,82 $\text{cmol}_c.\text{kg}^{-1}$ e saturação de bases de 21 a 25 %.

A camada inferior, horizonte Bw₁, a partir de 130 a 170 cm da superfície, possui cor vermelho-escuro, textura argila-pesada, estrutura maciça que se desagrega em blocos subangulares médios, pequenos e muito pequenos, matéria orgânica de 0,50 a 0,91 %, acidez com pH de 5,40 a 5,30, alumínio trocável de 0,42 a 2,58 $\text{cmol}_c.\text{kg}^{-1}$, saturação com alumínio de 69 a 74 %, soma de bases trocáveis de 0,42 a 1,12 $\text{cmol}_c.\text{kg}^{-1}$, capacidade de troca de cátions de 4,42 a 5,42 $\text{cmol}_c.\text{kg}^{-1}$ e saturação de bases de 2 a 21 %.

A camada inferior, horizonte Bw₂, a partir de 170 a 200 cm da superfície, possui cor vermelho-escuro, textura argila-pesada, estrutura maciça que se desagrega em blocos subangulares médios, pequenos e muito pequenos, matéria orgânica de 0,52 a 0,60 %, acidez com pH de 5,06 a 5,22, alumínio trocável de 2,16 a 2,58 $\text{cmol}_c.\text{kg}^{-1}$, saturação com alumínio de 72 a 84 %, soma de bases trocáveis de 0,42 a 1,02 $\text{cmol}_c.\text{kg}^{-1}$, capacidade de troca de cátions de 4,82 a 5,32 $\text{cmol}_c.\text{kg}^{-1}$ e saturação de bases de 9 a 19 %.

A camada inferior, horizonte Bw₃, a partir de 200 a 250 cm da superfície, possui cor vermelho-escuro, textura argila-pesada, estrutura maciça que se desagrega em blocos subangulares médios, pequenos e muito pequenos, matéria orgânica de 0,67 %, acidez com pH de 5,24, alumínio trocável de 2,00 $\text{cmol}_c.\text{kg}^{-1}$, saturação com alumínio de 79 %, soma de bases trocáveis de 0,52 $\text{cmol}_c.\text{kg}^{-1}$, capacidade de troca de cátions de 4,62 $\text{cmol}_c.\text{kg}^{-1}$ e saturação de bases de 11 %.

A camada inferior, horizonte Bw₄, a partir de 250 a 300 cm da superfície, possui cor vermelho-escuro, textura argila-pesada, estrutura maciça que se desagrega em blocos subangulares médios, pequenos e muito pequenos, matéria orgânica de 0,50 %, acidez com pH de 5,10, alumínio trocável de 2,56 $\text{cmol}_c.\text{kg}^{-1}$, saturação com alumínio de 78 %, soma de bases trocáveis de 0,72 $\text{cmol}_c.\text{kg}^{-1}$, capacidade de troca de cátions de 4,92 $\text{cmol}_c.\text{kg}^{-1}$ e saturação de bases de 15 %.

Esses solos denominados, na amplitude regional, de Latossolo Roxo Distrófico (Tabelas 28 e 29), por Costa Lemos, em Brasil (1973) e Latossolo Vermelho Distrófico típico, conforme Streck et al. (2002) estão sendo localmente caracterizados por Nitossolo Vermelho Distroférrico latossólico por apresentarem um horizonte A proeminente sobre um horizonte B nítico. Poucos solos, na meia encosta, são eutróficos na parte superior do horizonte B embora tenham sempre um horizonte latossólico na parte inferior (Fig. 3). Esses são denominados Eutroférricos latossólicos.

Quanto ao uso agrícola, as terras estão situadas como pertencentes à classe IIse de capacidade de uso, embora os riscos a erosão tenham sido parcialmente controlados com o plantio direto e as correções da fertilidade do solo na maior parte já estejam sanadas.

São terras que tiveram altos investimentos, mas agora estão oferecendo retornos. Os custos atuais se destinam à adições de produtos químicos no controle de invasoras, pragas e doenças.

Quanto à aptidão agrícola proposta por Ramalho Filho e I. Beek (1995), estas terras são do grupo 1aBC; "boa" para usuários com alta e média tecnologias e "regular" para pequenos proprietários que não dispõem de recursos para corrigi-las adequadamente para altas produções.

Tabela 2. Distribuição de tamanho de agregados estáveis, densidade e porosidade total, em solo sob floresta e sob cultivos (20 anos).

Área	Horizonte	Profundidade (cm)	Agregados estáveis em águas							Densidade (g.cm ⁻³)	Porosidade (%)			
			Macroagregados (%)			Microagregados (%)					Solo	Total	Macro	Micro
			>4,76 mm	<4,76 >2,00mm	<2,00 >1,00mm	Total	<1,00 >0,21 mm	<0,21 mm	Total					
Floresta	A ₁	2-20	58	24	8	90	7	3	10	1,01	64,7	35,9	28,8	
II	A ₃	20-35	17	27	26	70	22	8	30	1,28	56,6	18,3	38,3	
II	B ₁	35-60	6	29	34	69	22	9	31	1,22	57,9	10,5	47,4	
II	Média	-	27	26	23	76	17	7	24	1,19	58,5	-	-	
Cultivo	Ap	0-10	2	8	13	23	48	29	77	1,17	60,3	17,5	42,8	
II	B ₁	18-45	2	15	31	48	42	10	52	1,44	51,4	13,2	38,4	
II	B ₂	45-110	0	6	32	38	42	10	62	1,22	59,1	-	-	
II	Média	-	1	10	25	36	47	17	64	1,26	57,0	11,3	47,7	

Fonte: SILVA (1980).



Foto: Carlos Roberto S. Severo

Fig. 1. Formas de relevo de chapadas e vales aplainados, Chiapetta, RS.



Foto: Carlos Roberto S. Severo

Fig. 2. Chapadas com início de vales aplainados, Chiapetta, RS.



Foto: Carlos Roberto S. Severo

Fig. 3. Estrutura e cerosidade do horizonte nítico de um perfil de solo, Chiapetta, RS.

Tabela 3. Informações do perfil S-1 da unidade P₀.

a) Classificação: NITOSSOLO VERMELHO Distroférrico latossólico (Embrapa 1999); Soil Taxonomy - Rhodic Kandihumult. b) Localização: Assentamento Nova Conquista, coordenadas = 209.670, 6.897.841, altitude = 435 m. c) Geologia regional: basalto, camadas alternadas de rochas básicas. d) Material de origem: basalto. e) Geomorfologia: chapadas e lombadas aplainadas. f) Situação do perfil: terço inferior da encosta. g) Declividade: 3 - 5%. h) Erosão: não há. i) Relevô: suave ondulado. j) Suscetibilidade à erosão: moderada. l) Pedregosidade: não há. m) Rochosidade: não há. n) Drenabilidade: bem drenado. o) Vegetação: cultura de trigo e soja em rotação com outras gramíneas de inverno. p) Descrição do perfil:

(hz)	(cm)	(solo)
A	0-30	Vermelho-acinzentado-escuro (10 R 3/2) úmido e seco; argila-pesada; blocos subangulares pequenos e grumos, forte; pegajoso, plástico, muito friável, macio; transição gradual e plana.
BA	30-70	Vermelho-acinzentado-escuro (10 R 3/3) úmido e seco; argila-pesada; blocos subangulares pequenos e grumos, forte; pegajoso, plástico, muito friável, lig. duro; transição gradual e plana.
Bnit.1	70-100	Vermelho-escuro (10 R 3/6) úmido e seco; argila-pesada; blocos subangulares pequenos e médios, moderada a forte; cerosidade pouca e moderada; pegajoso, plástico, muito friável, lig. duro; transição gradual e plana.
Bnit.2	100-130	Vermelho-escuro (10 R 3/6) úmido e seco; argila-pesada; blocos subangulares pequenos e médios, moderada a forte; cerosidade pouca e fraca; macroporos abundantes; muito pegajoso, plástico, muito friável, lig. duro; transição gradual e plana.
Bw ₁	130-170	Vermelho-escuro (10 R 3/4 e 3/6) úmido e seco; argila-pesada; maciça que se desagrega em blocos subangulares pequenos e médios; cerosidade pouca e fraca; macroporos abundantes; muito pegajoso, plástico, muito friável, lig. duro; transição gradual e plana.
Bw ₂	170-190+	Vermelho-escuro (10 R 3/4 e 3/6) úmido e seco; argila-pesada; compactado com aspecto de maciça poroso; cerosidade pouca e fraca; macroporos abundantes; muito pegajoso, plástico, muito friável, lig. duro.

Tabela 4. Resultados das análises do perfil S-1 da unidade P₀.

Fatores		A	BA	Bnit.1	Bnit.2	Bw ₁	Bw ₂
Espessura	(cm)	0-30	30-70	70-100	100-130	130-170	170-190+
C. orgânico	(g kg ⁻¹)	19,10	12,80	9,50	6,30	5,30	3,50
M. O.	%	3,25	2,21	1,64	1,09	0,91	0,60
P	(mg kg ⁻¹)	22,21	7,43	5,37	6,34	5,53	5,22
pH (H ₂ O)	-	4,84	4,54	4,68	4,59	4,67	4,70
pH (KCl)	-	3,72	3,70	3,82	3,85	3,87	3,86
Ca	(cmol _c .kg ⁻¹)	2,60	1,80	1,30	0,90	0,80	0,70
Mg	"	1,50	0,70	0,50	0,40	0,30	0,30
K	"	0,02	0,01	0,01	0,01	0,01	<0,01
Na	"	<0,01	<0,01	<0,01	<0,01	<0,01	<0,01
S	"	4,13	2,52	1,82	1,32	1,12	1,02
Al	"	4,18	3,80	2,96	2,78	2,52	2,58
H + Al	"	5,90	5,30	4,30	4,40	4,30	4,30
T	"	10,03	7,82	6,12	5,72	5,42	5,32
T(arg.)	"	14	11	8	7	7	7
V	%	41	32	30	23	21	19
Sat. Al	"	50	60	62	68	69	72
Fe (total)	-	-	-	16	-	-	-
Calhaus	(g kg ⁻¹)	-	-	-	-	-	-
Cascalho	"	<1	<1	<1	<1	<1	<1
Areia grossa	"	4	3	4	5	1	4
Areia fina	"	58	58	47	42	44	58
Silte	"	238	240	211	164	154	133
Argila	"	700	699	738	789	801	805
Argila natural	"	69	142	108	49	40	9
Agregação	%	90	80	85	94	95	99
Silte/argila	-	0,33	0,34	0,28	0,20	0,19	0,16
Textura	-	Cp	Cp	Cp	Cp	Cp	Cp

Cp - argila-pesada.

Tabela 5. Informações do perfil S-2 da unidade P₀.

a) Classificação: NITOSSOLO VERMELHO Distroférico latossólico (Embrapa 1999); Soil Taxonomy - Rhodic Kandihumult. b) Localização: Fazenda Vitória D'Ávila Chiapetta, coordenadas = 210.783, 6.895.790, altitude = 456 m. c) Geologia regional: basalto, camadas alternadas de rochas efusivas básicas. d) Material de origem: basalto. e) Geomorfologia: chapadas e lombadas aplainadas. f) Situação do perfil: terço superior da encosta. g) Declividade: 2 - 3% no topo e 4 - 6% na encosta. h) Erosão: não há. i) Relevo: suave ondulado. j) Suscetibilidade à erosão: moderada. l) Pedregosidade: não há. m) Rochosidade: não há. n) Drenabilidade: bem drenado. o) Vegetação: cultura de trigo e soja em rotação com outras gramíneas de inverno. p) Descrição do perfil:

(hz)	(cm)	(solo)
A	0-25	Vermelho-acinzentado-escuro (10 R 3/2) úmido e seco; argila-pesada; blocos subangulares pequenos e grumos, forte; pegajoso, plástico, muito friável, macio; transição gradual e plana.
BA	25-45	Vermelho-acinzentado-escuro (10 YR 3/3) úmido e seco; argila-pesada; blocos subangulares pequenos e grumos, forte; pegajoso, plástico, muito friável, macio; transição gradual e plana.
Bnit.1	45-80	Vermelho-escuro (10 R 3/6) úmido e seco; argila-pesada; blocos subangulares pequenos e médios, moderada a forte; cerosidade pouca e moderada; pegajoso, plástico, muito friável, lig. duro; transição gradual e plana.
Bnit.2	80-120	Vermelho-escuro (10 R 3/6) úmido e seco; argila-pesada; blocos subangulares pequenos e médios, moderada a forte; cerosidade pouca e moderada; pegajoso, plástico, muito friável, lig. duro; transição gradual e plana.
Bnit.3	120-150	Vermelho-escuro (10 R 3/6) úmido e seco; argila-pesada; blocos subangulares pequenos e médios, moderada a forte; cerosidade pouca e moderada; pegajoso, plástico, muito friável, lig. duro; transição gradual e plana.
Bw ₁	150-175	Vermelho-escuro (10 R 4/6) úmido e seco; argila-pesada; maciça que se desagrega em blocos subangulares pequenos e médios; cerosidade pouca e fraca; macroporos abundantes; pegajoso, plástico, muito friável, lig. duro; transição gradual e plana.
Bw ₂	175-200	Vermelho-escuro (10 R 4/6) úmido e seco; argila-pesada; maciça que se desagrega em blocos subangulares pequenos e médios; cerosidade pouca e fraca; macroporos abundantes; pegajoso, plástico, muito friável, lig. duro; transição gradual e plana.
Bw ₃	200-250	Vermelho-escuro (10 R 4/6) úmido e seco; argila-pesada; maciça que se desagrega em blocos subangulares pequenos e médios; cerosidade pouca e fraca; macroporos abundantes; pegajoso, plástico, muito friável, lig. duro; transição gradual e plana.
Bw ₄	250-300+	Vermelho-escuro (10 R 4/6) úmido e seco; argila-pesada; compactado com aspecto de maciça poroso; cerosidade pouca e fraca; macroporos abundantes; pegajoso, plástico, muito friável, lig. duro.

Tabela 6. Resultados das análises do perfil S-2 da unidade P₀.

Fatores		Horizonte								
		A	BA	Bnit.1	Bnit.2	Bnit.3	Bw ₁	Bw ₂	Bw ₃	Bw ₄
Espessura	(cm)	0-25	25-45	45-80	80-120	120-150	150-175	175-200	200-250	250-300+
C. orgânico	(g kg ⁻¹)	16,90	12,30	10,40	7,70	6,30	3,40	3,00	3,90	3,90
M. O.	%	2,91	2,12	1,79	1,33	1,08	0,59	0,52	0,67	0,50
P	(mg kg ⁻¹)	11,51	4,03	4,88	4,67	7,34	6,43	8,22	8,61	6,21
PH (H ₂ O)	-	5,16	5,04	5,23	5,25	5,16	5,17	5,06	5,24	5,10
PH (KCl)	-	3,80	3,86	3,91	3,94	3,96	3,95	3,95	3,95	3,89
Ca	(cmolc.kg ⁻¹)	1,80	1,40	1,10	0,70	0,50	0,40	0,20	0,20	0,40
Mg	"	1,10	0,70	0,70	0,60	0,30	0,30	0,20	0,30	0,30
K	"	0,01	0,01	<0,01	<0,01	<0,01	<0,01	<0,01	<0,01	<0,01
Na	"	<0,01	<0,01	<0,01	<0,01	<0,01	<0,01	<0,01	<0,01	<0,01
S	"	2,92	2,12	1,82	1,32	0,82	0,72	0,42	0,52	0,72
Al	"	2,40	2,46	2,38	2,22	2,36	2,24	2,16	2,00	2,56
H + Al	"	5,70	5,10	4,50	4,50	4,50	4,40	4,40	4,10	4,20
T	"	8,62	7,22	6,32	5,82	5,32	5,12	4,82	4,62	4,92
T(arg.)	"	12	10	9	7	7	6	6	6	6
V	%	34	29	29	23	15	14	9	11	15
Sat. Al	"	45	54	57	63	74	76	84	79	78
Fe (total)	"	-	-	-	18	-	-	-	-	-
Calhaus	(g kg ⁻¹)	-	-	-	-	-	-	-	-	-
Cascalho	"	<1	<1	<1	<1	<1	<1	<1	<1	<1
Areia grossa	"	4	6	4	5	4	5	4	4	3
Areia fina	"	55	77	41	30	39	38	36	31	40
Silte	"	245	203	213	184	166	156	122	167	173
Argila	"	696	714	743	781	791	801	838	798	784
Argila natural	"	98	122	108	160	100	36	36	24	108
Agregação	%	86	83	86	80	87	96	96	97	86
Silte/argila	-	0,35	0,28	0,28	0,23	0,20	0,19	0,14	0,21	0,22
Textura	-	Cp	Cp	Cp	Cp	Cp	Cp	Cp	Cp	Cp

Cp - argila-pesada.

Tabela 7. Informações do perfil S-3 da unidade P₀.

a) Classificação: NITOSSOLO VERMELHO Eutrófico latossólico (Embrapa 1999); Soil Taxonomy - Rhodic Kandudult. b) Localização: Fazenda Scheer, coordenadas = 205.411, 6.900.926, altitude = 444 m. c) Geologia regional: basalto, camadas alternadas de rochas efusivas básicas. d) Material de origem: basalto. e) Geomorfologia: chapadas. f) Situação do perfil: terço superior da encosta. g) Declividade: 2 - 3% no topo e 4 - 6% na encosta. h) Erosão: não há. i) Relevo: ondulado. j) Suscetibilidade à erosão: forte. l) Pedregosidade: não há. m) Rochosidade: não há. n) Drenabilidade: bem drenado. o) Vegetação: cultura de trigo e soja em rotação com outras gramíneas de inverno. p) Descrição do perfil:

(hz)	(cm)	(Solo)
A	0-25	Vermelho-acinzentado-escuro (10 R 3/2) úmido e seco; argila-pesada; blocos subangulares pequenos e grumos, forte; pegajoso, plástico, muito friável, macio; transição gradual e plana.
BA	25-50	Vermelho-acinzentado-escuro (10 R 3/3) úmido e seco; argila-pesada; blocos subangulares pequenos e grumos, forte; pegajoso, plástico, muito friável, macio; transição gradual e plana.
Bnit.1	50-75	Vermelho-escuro (10 R 3/6) úmido e seco; argila-pesada; blocos subangulares pequenos e médios, moderada a forte; cerosidade pouca e moderada; pegajoso, plástico, muito friável, lig. duro; transição gradual e plana.
Bnit.2	75-100	Vermelho-escuro (10 R 3/6) úmido e seco; argila-pesada; blocos subangulares pequenos e médios, moderada a forte; cerosidade comum e forte; pegajoso, plástico, muito friável, lig. duro; transição gradual e plana.
Bnit.3	100-130 +	Vermelho-escuro (10 R 3/6) úmido e seco; argila-pesada; blocos subangulares pequenos e médios, moderada a forte; cerosidade comum e forte; pegajoso, plástico, muito friável, lig. duro.

Tabela 8. Resultados das análises do perfil S-3 da unidade P₀.

		Horizontes				
Fatores		A	BA	Bnit.1	Bnit.2	Bnit.3
Espessura	(cm)	0-25	25-50	50-75	75-100	100-130 +
C. orgânico	(g kg ⁻¹)	10,90	12,00	7,80	2,70	2,60
M. O.	%	1,88	2,07	1,34	0,46	0,45
P	(mg kg ⁻¹)	37,23	14,66	13,57	8,72	8,42
pH (H ₂ O)	-	6,50	5,65	5,37	4,68	4,56
pH (KCl)	-	5,08	4,27	4,22	3,92	3,86
Ca	(cmolc.kg ⁻¹)	5,40	3,70	2,40	0,60	0,40
Mg	"	3,00	2,00	1,60	0,50	0,30
K	"	0,05	0,03	0,01	<0,01	0,01
Na	"	<0,01	<0,01	<0,01	<0,01	<0,01
S	"	8,46	5,74	4,02	1,12	0,72
Al	"	0,10	0,46	0,66	2,06	2,40
H + Al	"	3,30	4,20	3,90	4,20	4,50
T	"	11,76	9,94	7,92	5,32	5,22
T(arg.)	"	15	13	10	6	6
V	%	72	58	51	21	14
Sat. Al	"	1	7	14	65	77
Fe (total)	"	-	-	-	14	-
Calhaus	(g kg ⁻¹)	-	-	-	-	-
Cascalho	"	<1	<1	<1	<1	<1
Areia grossa	"	2	5	2	6	1
Areia fina	"	17	32	14	17	11
Silte	"	197	184	173	136	150
Argila	"	784	779	811	841	839
Argila natural	"	106	31	76	39	16
Agregação	%	86	96	91	95	98
Silte/argila	-	0,25	0,23	0,21	0,16	0,18
Textura	-	Cp	Cp	Cp	Cp	Cp

Cp - argila-pesada.

Tabela 9. Informações do perfil S-8 da unidade P₀.

a) Classificação: NITOSSOLO VERMELHO Distroférico latossólico (Embrapa 1999); Soil Taxonomy - Rhodic Kandudult. b) Localização: Fazenda Kurtz, coordenadas = 225.585, 6.899.411, altitude = 520 m. c) Geologia regional: basalto, camadas alternadas de rochas básicas. d) Material de origem: basalto. e) Geomorfologia: coxilhas. f) Situação do perfil: topo de chapadas. g) Declividade: 2 - 3%. h) Erosão: não há. i) Relevo: ondulado. j) Suscetibilidade à erosão: moderada a forte. l) Pedregosidade: não há. m) Rochosidade: não há. n) Drenabilidade: bem drenado. o) Vegetação: composta parcialmente por barba de bode. p) Descrição do perfil:

(hz)	(cm)	(solo)
A	0-25	Vermelho-acinzentado-escuro (10 R 3/2) úmido e seco; argila-pesada; granular forte e grumos, forte; pegajoso, plástico, muito friável, macio; transição gradual e plana.
BA	25-40	Vermelho-acinzentado-escuro (10 R 3/3) úmido e seco; argila-pesada; blocos angulares e subangulares pequenos e médios, forte; pegajoso, plástico, muito friável, dura; transição gradual e plana.
Bnit.1	40-65	Vermelho-acinzentado-escuro (10 R 3/3) úmido e seco; argila-pesada; blocos angulares e subangulares pequenos e médios, forte; pegajoso, plástico, muito friável, dura; transição gradual e plana.
Bnit.2	65-80	Vermelho-escuro (10 R 3/6) úmido e seco; argila-pesada; blocos subangulares pequenos e médios, moderada a forte; cerosidade pouca e fraca; macroporos abundantes; pegajoso, plástico, muito friável, lig. duro; transição gradual e plana.
Bnit.3	80-110+	Vermelho-escuro (10 R 4/6) úmido e seco; argila-pesada; blocos subangulares pequenos e médios, fraca a moderada; cerosidade pouca e fraca; macroporos abundantes; pegajoso, plástico, muito friável, lig. duro.

Tabela 10. Resultados das análises do perfil S-8 da unidade P₀.

Fatores	Horizontes				
	A	BA	Bnit.1	Bnit.2	Bnit.3
Espessura (cm)	0-25	25-40	40-65	65-80	80-110+
C. orgânico (g kg ⁻¹)	7,80	8,90	5,70	5,10	4,40
M. O. %	1,34	1,53	0,98	0,88	0,76
P (mg kg ⁻¹)	17,34	13,11	12,17	10,83	11,72
pH (H ₂ O) -	5,09	5,26	5,43	5,33	5,30
pH (KCl) -	3,90	4,04	4,18	4,11	4,14
Ca (cmolc.kg ⁻¹)	0,60	0,50	0,50	0,40	0,30
Mg "	0,20	0,20	0,30	0,20	0,20
K "	<0,01	<0,01	<0,01	<0,01	<0,01
Na "	<0,01	<0,01	<0,01	<0,01	<0,01
S "	0,81	0,71	0,82	0,62	0,52
Al "	2,28	1,60	1,94	2,10	1,54
H+Al "	5,10	4,30	2,00	2,30	2,10
T "	5,91	5,01	2,82	2,92	2,62
T(arg.) "	10	7	4	4	4
V %	14	14	29	21	20
Sat. Al "	74	69	70	77	75
Fe (total) "	-	-	16	-	-
Calhaus (g kg ⁻¹)	-	-	-	-	-
Cascalho "	2	2	<1	2	2
Areia grossa "	1	4	2	1	<1
Areia fina "	10	5	1	10	1
Silte "	371	310	289	288	297
Argila "	618	681	708	701	701
Argila natural "	97	102	12	18	16
Agregação %	84	85	98	97	98
Silte/argila -	0,60	0,45	0,41	0,41	0,42
Textura -	Cp	Cp	Cp	Cp	Cp

Cp - argila-pesada.

Tabela 11. Informações do perfil S-12 da unidade P₀.

a) Classificação: NITOSSOLO VERMELHO Distroférico latossólico (Embrapa 1999); Soil Taxonomy - Rhodic Kandihumult. b) Localização: Proximidade da Empresa Agrícola Chiapetta, coordenadas = 216.952, 6.891.624, altitude = 490 m. c) Geologia regional: basalto, camadas alternadas de rochas efusivas básicas. d) Material de origem: basalto. e) Geomorfologia: chapadas e lombadas. f) Situação do perfil: topo de efusivas. g) Declividade: 2 - 3% no topo e 10 - 20% na encosta. h) Erosão: não há. i) Relevô: ondulado. j) Suscetibilidade à erosão: moderada a forte. l) Pedregosidade: não há. m) Rochosidade: não há. n) Drenabilidade: bem drenado. o) Vegetação: floresta virgem. p) Descrição do perfil:

(hz)	(cm)	(solo)
A	0-20	Vermelho-acinzentado-escuro (10 R 3/2) úmido e seco; argila-pesada; blocos subangulares pequenos e grumos, forte; pegajoso, plástico, muito friável, macio; transição gradual e plana.
BA	20-50	Vermelho-acinzentado-escuro (10 R 3/3) úmido e seco; argila-pesada; blocos subangulares pequenos e grumos, forte; pegajoso, plástico, muito friável, macio; transição gradual e plana.
Bnit.1	50-100	Vermelho-escuro (10 R 3/6) úmido e seco; argila-pesada; blocos subangulares pequenos e médios, moderada a forte; cerosidade pouca e moderada; pegajoso, plástico, muito friável, lig. duro; transição gradual e plana.
Bnit.2	100-150 +	Vermelho-escuro (10 R 3/6) úmido e seco; argila-pesada; blocos subangulares pequenos e médios, moderada a forte; cerosidade pouca e fraca; macroporos abundantes; pegajoso, plástico, muito friável, lig. duro.

Tabela 12. Resultados das análises do perfil S-12 da unidade P₀.

		Horizontes			
Fatores		A	BA	Bnit.1	Bnit.2
Espessura	(cm)	0-20	20-50	50-100	100-150 +
C. orgânico	(g kg ⁻¹)	17,10	14,60	10,40	8,60
M. O.	%	2,95	2,51	1,80	1,48
P	(mg kg ⁻¹)	12,30	10,41	10,31	12,51
pH (H ₂ O)	-	5,00	4,98	5,05	5,09
pH (KCl)	-	4,05	3,98	3,97	4,05
Ca	(cmolc.kg ⁻¹)	2,70	1,40	0,80	0,70
Mg	"	1,80	0,70	0,50	0,30
K	"	0,01	<0,01	<0,01	<0,01
Na	"	<0,01	0,01	0,01	<0,01
S	"	4,52	2,12	1,32	1,02
Al	"	1,14	1,80	2,08	2,16
H + Al	"	4,00	4,00	3,40	3,10
T	"	8,52	6,12	4,72	4,12
T(arg.)	"	14	10	6	5
V	%	53	35	28	25
Sat. Al	"	20	46	61	68
Fe (total)	"	-	-	-	19
Calhaus	(g kg ⁻¹)	-	-	-	-
Cascalho	"	182	5	6	3
Areia grossa	"	14	23	19	14
Areia fina	"	47	47	41	33
Silte	"	326	288	209	176
Argila	"	613	642	731	777
Argila natural	"	108	96	107	68
Agregação	%	82	85	85	91
Silte/argila	-	0,56	0,45	0,29	0,23
Textura	-	Cp	Cp	Cp	Cp

Cp - argila-pesada.

Coxilhas (P₁)

A unidade compreende terras com relevo ondulado, que se situam próximas aos drenos principais, que são os rios Buricá e Inhacorá. São áreas pouco mais íngremes do que as chapadas, onde os processos erosivos, provenientes da intensificação das atividades climáticas do período Quaternário, foram mais intensivos. Trata-se de conseqüências de uma ativação constante do processo erosivo, que modelou o relevo de chapadas, em formas estreitas e alongadas. São chapadas que se estreitaram para formar os espigões aplainados, longos e muito pouco sinuosos, que se assemelham as coxilhas do Sul (Fig. 4).

Neste processo de formação de um relevo ondulado, a remoção das camadas superficiais de resíduos antigos, se verifica mais intensamente nas bordas das encostas, com ocorrências de solos menos espessos, sem entretanto serem denominados de pouco profundos (lépticos). As características, próprias do acúmulo de resíduos muito intemperizados, que conduzem a formação de solos oxidícos, como nas chapadas, são de menor ocorrência. Os resultados constatam que as tendências gerais são de predominarem solos com saturação de bases mais altas, nas camadas mais superficiais, com maior intensidade do que nas chapadas, o que, certamente, se relaciona com a floresta anterior e também com a exposição de camadas menos intemperizadas.

Em solos, que tiveram mais recentemente a sua ocupação com desmatamento e uso agrícola, se diferenciam alguns parâmetros analíticos, principalmente químicos. Este aspecto se observa em relação ao posicionamento no relevo e nas ocorrências de mata ainda restante. Embora com os dados colhidos não se possa constatar, precisamente, que a floresta nativa mantinha alguns parâmetros muito diferenciados em relação a alguns nutrientes, verifica-se, em alguns locais, que a remoção da floresta contribuiu para a constituição de solos mais empobrecidos. Isto se refere à grande atividade coloidal orgânica na superfície e a ocorrência, na parte inferior, de uma atividade muito ácida com alta saturação de alumínio. No geral, constata-se pela natureza e volume da floresta que há, relativamente, poucos nutrientes incorporados ao solo que permaneceram no sistema após ao desmatamento. Fato que talvez, esteja relacionado ao tempo de uso da terra ou manejo na incorporação dos resíduos.

Em relação às chapadas, a unidade de relevo de maior amplitude de variação, que contempla solos muito intemperizados e outros já enriquecidos por processos de adição de bases, situados em super-

fícies mais recentes, se verifica que algumas encostas, em termos de elementos nos perfis, se relacionam diretamente com os parâmetros orgânicos ainda existentes. No geral, as chapadas, que são mais empobrecidas, estão mais relacionadas aos insumos adicionados, à correção da acidez do solo e a médios e baixos níveis de fósforo. Além disso, muitos variam em relação a cada local (Tabelas 13 a 18).

No geral, a meteorização dessas encostas, embora menor do que nas chapadas, teve um tempo muito longo e suficiente para nivelar parâmetros, nesse novo relevo, em termos das variações químicas analisadas, principalmente na formação de compostos oxidícos e cauliniticos. Ao se generalizar esses prolongamentos iniciais de coxilhas, semelhantes a espigões, e suas encostas, verifica-se que ocorrem solos ainda profundos, onde as camadas intemperizadas podem chegar a 2 ou 3 metros. No geral, esses solos são descritos pela amplitude de variação dos parâmetros analíticos com um horizonte A de 25 a 30 cm de espessura, cor vermelho-acinzentado-escuro (10 R 3/2), textura argila a argila-pesada, estrutura em grumos e blocos subangulares, pequenos, moderada a forte, consistência muito friável, úmida, e macia, quando seca, matéria orgânica de 2,84 a 2,95 %, acidez definida por pH de 4,67 a 6,38, alumínio trocável de 0,02 a 3,26 cmol_c.kg⁻¹, saturação com o alumínio de 1 a 57,90 %, soma de bases trocáveis de 11,66 a 12,34 cmol_c.kg⁻¹, capacidade de troca de cátions de 8,62 a 16,24 cmol_c.kg⁻¹, e saturação de bases de 57 a 77 %.

A camada subsequente, horizonte BA, de 10 a 25 cm de espessura, possui cor vermelho-escuro-acinzentado, textura argila-pesada, estrutura em blocos subangulares médios que se desagregam em pequenos e muito pequenos, forte, matéria orgânica de 1,81 a 2,43 %, acidez com pH de 4,69 a 6,33, alumínio trocável de 0,04 a 3,54 cmol_c.kg⁻¹, saturação com alumínio de 1 a 60 %, soma de bases trocáveis de 2,32 a 10,63 cmol_c.kg⁻¹, capacidade de troca de cátions de 8,62 a 14,53 cmol_c.kg⁻¹ e saturação de bases de 60 a 76 %.

A camada inferior, horizonte Bnit₁, de 35 a 50 cm de espessura, possui cor vermelho-escuro, textura argila-pesada, estrutura em blocos subangulares médios que se desagregam em pequenos e muito pequenos, forte, matéria orgânica de 0,48 a 2,10 %, acidez com pH de 4,81 a 6,63, alumínio trocável de 0,06 a 2,68 cmol_c.kg⁻¹, saturação com alumínio de 9 a 50 %, soma de bases trocáveis de 2,82 a 10,34 cmol_c.kg⁻¹, capacidade de troca de cátions de 10,32 a 13,54 cmol_c.kg⁻¹ e saturação de bases de 35 a 76 %.

A camada inferior, horizonte Bnit.₂, de 50 cm de espessura, possui cor vermelho-escuro, textura argila-pesada, estrutura em blocos subangulares médios que se desagregam em pequenos e muito pequenos, forte a moderada, matéria orgânica de 0,98 a 1,10 %, acidez com pH de 4,34 a 6,52, alumínio trocável de 0,01 a 2,78 cmol_c.kg⁻¹, saturação com alumínio de 1 a 50 %, soma de bases trocáveis de 2,82 a 7,45 cmol_c.kg⁻¹, capacidade de troca de cátions de 8,02 a 10,75 cmol_c.kg⁻¹ e saturação de bases de 35 a 69 %.

A camada inferior, horizonte Bw, de 50 cm de espessura, possui cor vermelho-escuro, textura argila-pesada, estrutura maciça que se desagrega em blocos subangulares médios, pequenos e muito pequenos, matéria orgânica de 0,76 a 1,09 %, acidez com pH de 4,83 a 6,48, alumínio trocável de 0,06 a 3,40 cmol_c.kg⁻¹, saturação com alumínio de 1 a 53 %, soma de bases trocáveis de 2,33 a 6,45 cmol_c.kg⁻¹, capacidade de troca de bases de 7,53 a 9,65 cmol_c.kg⁻¹ e saturação de bases de 31 a 67 %.

Estes solos, situados em relevo pouco mais íngreme do que os das chapadas, apresentam variações próprias das posições que ocupam nas encostas e da remoção da cobertura residual pelos processos erosivos. Dentro das caracterizações gerais de Costa Lemos, em Brasil (1973) e IBGE (1986), essas regiões do Planalto, próximas as Missões, foram situadas como contendo Latossolo Roxo Distrófico e Terra Roxa Estruturada. Os resultados analíticos, cores e a constatação de estruturas com cerosidade nos perfis, induzem a presença de horizonte B nítico. Essa caracterização, na taxonomia atual (Embrapa 1999), é própria da ordem e subordem

dos Nitossolos Vermelhos. Nesse contexto há ocorrências de superfícies com grandes grupos de Eutroféricos (altos teores de ferro e bases trocáveis na parte superior do horizonte B nítico). Outros perfis mais intemperizados são Distroféricos. O subgrupo latossólico está mais evidenciado nesses perfis a medida que, na parte inferior, os subhorizontes perdem a estrutura e a porosidade se torna mais aparente, caracterizando um horizonte B latossólico (Bw). Entretanto, há alguns perfis com saturação de bases em todo o horizonte A, embora decrescentes na parte inferior, que têm sido denominados, provisoriamente, de subgrupo chernossólico. Esse subgrupo apresenta, na sua parte inferior, horizontes oxídicos e cauliníticos o que não é similar a ordem dos Chernossolos.

Quanto ao uso agrícola, as terras foram caracterizadas como pertencentes à classe IIIse de capacidade de uso pelas limitações inerentes a fertilidade do solo e a suscetibilidade à erosão por apresentarem encostas mais íngremes no contato com os vales mais aprofundados. Atualmente, essa definição de aspecto de classes e subclasses deve estar mais relacionada à potencialidade das terras, quando comparadas às chapadas, mais aplainadas, e conseqüentemente mais adequadas a uma agricultura desenvolvida. Quanto à aptidão agrícola, sistema proposto para qualificar as terras para três usuários distintos, os custos, com correção e contenção dos processos erosivos, induzem a se qualificar as terras como "boa" a uma agricultura moderna e "regular" para usuários com menor capacidade econômica, pois são necessários tratamentos para elevar a sua capacidade produtiva.



Foto: Carlos Roberto S. Severo

Fig. 4. Início, a esquerda, de formas de relevo de coxilhas, Chiapetta, RS.

Tabela 13. Informações do perfil S-4 da unidade P₁.

a) Classificação: NITOSSOLO VERMELHO Eutroférico latossólico (Embrapa 1999); Soil Taxonomy - Rhodic Kandihumult. b) Localização: Vila Nova, coordenadas = 208.365, 6.909.670, altitude = 485 m. c) Geologia regional: basalto, camadas alternadas de rochas efusivas básicas. d) Material de origem: basalto. e) Geomorfologia: coxilhas e chapadas. f) Situação do perfil: topo de coxilha. g) Declividade: 2 - 3% no topo e 10 - 20% na encosta. h) Erosão: não há. i) Relevo: ondulado. j) Suscetibilidade à erosão: forte. l) Pedregosidade: não há. m) Rochosidade: não há. n) Drenabilidade: bem drenado. o) Vegetação: cultura de trigo e soja em rotação com outras gramíneas de inverno. p) Descrição do perfil:

(hz)	(cm)	(solo)
A	0-25	Vermelho-acinzentado-escuro (10 R 3/2) úmido e seco; argila; blocos subangulares pequenos e grumos, forte; pegajoso, plástico, muito friável, macio; transição gradual e plana.
BA	25-50	Vermelho-acinzentado-escuro (10 R 3/3) úmido e seco; argila; blocos subangulares pequenos e grumos, forte; pegajoso, plástico, muito friável, macio; transição gradual e plana.
Bnit.1	50-100	Vermelho-escuro (10 R 3/6) úmido e seco; argila; blocos subangulares pequenos e médios, moderada a forte; cerosidade pouca e moderada; pegajoso, plástico, muito friável, lig. duro; transição gradual e plana.
Bnit.2	100-150	Vermelho-escuro (10 R 3/6) úmido e seco; argila; blocos subangulares pequenos e médios, moderada a forte; cerosidade pouca e fraca; macroporos abundantes; pegajoso, plástico, muito friável, lig. duro; transição gradual e plana.
Bw	150-200+	Vermelho-escuro (10 R 4/6) úmido e seco; argila; blocos subangulares pequenos e médios, fraca a moderada; cerosidade pouca e fraca; macroporos abundantes; pegajoso, plástico, muito friável, lig. duro.

Tabela 14. Resultados das análises do perfil S-4 da unidade P₁.

Fatores	Horizonte					
	A	BA	Bnit.1	Bnit.2	Bw	
Espessura (cm)	0-25	25-50	50-100	100-150	150-200+	
C. orgânico (g kg ⁻¹)	16,50	10,50	8,20	5,70	6,30	
M. O. (%)	2,84	1,81	1,41	0,98	1,09	
P (mg kg ⁻¹)	32,07	11,44	7,13	4,34	8,87	
pH (H ₂ O)	6,18	6,33	5,42	4,81	4,83	
pH (KCl)	4,75	4,75	4,08	3,67	3,65	
Ca (cmolc.kg ⁻¹)	8,40	7,10	4,40	2,10	1,70	
Mg "	3,90	3,50	1,70	0,70	0,60	
K "	0,03	0,02	0,01	0,01	0,02	
Na "	<0,01	<0,01	<0,01	<0,01	<0,01	
S "	12,34	10,63	6,12	2,82	2,33	
Al "	0,04	0,06	0,64	2,78	3,40	
H + Al "	3,90	3,30	4,20	5,20	5,20	
T "	16,24	13,93	10,32	8,02	7,53	
T(arg.) "	24	19	14	11	9	
V %	76	76	59	35	31	
Sat. Al "	<1	1	9	50	59	
Fe (total) "	-	-	19	-	-	
Calhaus (g kg ⁻¹)	-	-	-	-	-	
Cascalho "	<1	<1	<1	<1	<1	
Areia grossa "	5	5	7	2	3	
Areia fina "	53	41	44	33	18	
Silte "	271	216	204	210	184	
Argila "	671	739	745	755	795	
Argila natural "	37	43	32	11	10	
Agregação %	94	94	96	98	99	
Silte/argila -	0,40	0,29	0,27	0,28	0,23	
Textura -	Cp	Cp	Cp	Cp	Cp	

Cp - argila-pesada.

Tabela 15. Informações do perfil S-5 da unidade P₁.

a) Classificação: NITOSSOLO VERMELHO Distroférico latossólico (Embrapa 1999); Soil Taxonomy - Rhodic Kandihumult. b) Localização: Linha São José, coordenadas = 206.516, 6.909.263, altitude = 451 m. c) Geologia regional: basalto, camadas alternadas de rochas básicas efusivas. d) Material de origem: basalto. e) Geomorfologia: coxilhas e chapadas. f) Situação do perfil: topo de coxilha. g) Declividade: 2 - 3% no topo e 10 - 20% na encosta. h) Erosão: não há. i) Relevo: ondulado. j) Suscetibilidade à erosão: moderada a forte. l) Pedregosidade: não há. m) Rochosidade: não há. n) Drenabilidade: bem drenado. o) Vegetação: floresta virgem. p) Descrição do perfil:

(hz)	(cm)	(solo)
A ₁	0-15	Vermelho-acinzentado-escuro (10 R 3/2) úmido e seco; argila-pesada; blocos subangulares pequenos e grumos, forte; pegajoso, plástico, muito friável, macio; transição gradual e plana.
A ₂	15-25	Vermelho-acinzentado-escuro (10 R 3/3) úmido e seco; argila-pesada; blocos subangulares pequenos e grumos, forte; pegajoso, plástico, muito friável, macio; transição gradual e plana.
BA	25-35	Vermelho-escuro (10 R 3/6) úmido e seco; argila pesada; blocos subangulares pequenos e médios, moderada a forte; cerosidade pouca e moderada; pegajoso, plástico, muito friável, lig. duro; transição gradual e plana.
Bnit.	100-150 +	Vermelho-escuro (10 R 3/6) úmido e seco; argila-pesada; blocos subangulares pequenos e médios, moderada a forte; cerosidade pouca e fraca; macroporos abundantes; pegajoso, plástico, muito friável, lig. duro.

Tabela 16. Resultados das análises do perfil S-5 da unidade P₁.

Fatores	Horizonte			
	A ₁	A ₂	BA	Bnit.
Espessura (cm)	0-15	15-25	25-35	100-150 +
C. orgânico (g kg ⁻¹)	14,10	13,00	14,00	5,70
M. O. (%)	2,43	2,24	2,41	0,98
P (mg kg ⁻¹)	6,36	4,36	4,59	4,34
pH (H ₂ O)	5,10	4,67	4,69	4,81
pH (KCl)	3,87	3,65	3,65	3,67
Ca (cmolc.kg ⁻¹)	4,40	1,90	1,80	2,10
Mg	1,30	0,50	0,50	0,70
K	0,01	0,01	0,01	0,01
Na	<0,01	<0,01	<0,01	<0,01
S	5,72	2,42	2,32	2,82
Al	1,30	3,26	3,54	2,78
H + Al	5,20	6,20	6,40	5,20
T	10,92	8,62	8,72	8,02
T(arg.)	14	12	12	11
V (%)	52	28	27	35
Sat. Al	18	57	61	50
Fe (total)	-	-	-	19
Calhaus (g kg ⁻¹)	-	-	-	-
Cascalho	<1	<1	<1	<1
Areia grossa	3	2	3	2
Areia fina	27	30	30	33
Silte	181	245	249	210
Argila	789	723	718	755
Argila natural	50	30	30	46
Agregação (%)	94	96	96	94
Silte/argila	0,23	0,33	0,34	0,28
Textura	Cp	Cp	Cp	Cp

Cp - argila-pesada.

Tabela 17. Informações do perfil S-6 da unidade P₁.

a) Classificação: NITOSSOLO VERMELHO Eutroférico chernossólico (Embrapa 1999); Soil Taxonomy - Rhodic Paleudoll. b) Localização: As Brancas, coordenadas = 213.311, 6.906.830, altitude = 473 m. c) Geologia regional: basalto, camadas alternadas de rochas básicas. d) Material de origem: basalto. e) Geomorfologia: coxilhas. f) Situação do perfil: topo de coxilha. g) Declividade: 2 - 3% nos topos e 10 - 20% na encosta. h) Erosão: não há. i) Relevo: ondulado. j) Suscetibilidade à erosão: moderada a forte. l) Pedregosidade: não há. m) Rochosidade: não há. n) Drenabilidade: bem drenado. o) Vegetação: cultura de trigo e soja em rotação com outras gramíneas de inverno. p) Descrição do perfil:

(hz)	(cm)	(solo)
A	0-30	Vermelho-acinzentado-escuro (10 R 3/2) úmido e seco; argila; blocos subangulares pequenos e grumos, forte; pegajoso, plástico, muito friável, macio; transição gradual e plana.
BA	30-55	Vermelho-acinzentado-escuro (10 R 3/3) úmido e seco; argila; blocos subangulares pequenos e grumos, forte; pegajoso, plástico, muito friável, macio; transição gradual e plana.
Bnit.1	55-90	Vermelho-escuro (10 R 3/6) úmido e seco; argila; blocos subangulares pequenos e médios, moderada a forte; cerosidade pouca e moderada; pegajoso, plástico, muito friável, lig. duro; transição gradual e plana.
Bnit.2	90-140	Vermelho-escuro (10 R 3/6) úmido e seco; argila-pesada; blocos subangulares pequenos e médios, moderada a forte; cerosidade pouca e fraca; macroporos abundantes; pegajoso, plástico, muito friável, lig. duro; transição gradual e plana.
Bw	140-190+	Vermelho-escuro (10 R 4/6) úmido e seco; argila-pesada; blocos subangulares pequenos e médios, fraca a moderada; cerosidade pouca e fraca; macroporos abundantes; pegajoso, plástico, muito friável, lig. duro.

Tabela 18. Resultados das análises do perfil S-6 da unidade P₁.

Fatores	Horizontes				
	A	BA	Bnit.1	Bnit.2	Bw
Espessura (cm)	0-30	30-55	55-90	90-140	140-190 +
C. orgânico (g kg ⁻¹)	17,10	13,50	12,20	6,44	4,40
M. O. (%)	2,95	2,33	2,10	1,10	0,76
P (mg kg ⁻¹)	14,22	7,81	8,87	8,48	8,79
pH (H ₂ O)	6,38	6,26	6,63	6,52	6,48
pH (KCl)	5,06	4,94	5,12	5,00	5,02
Ca (cmolc.kg ⁻¹)	8,90	8,40	8,30	6,30	5,60
Mg	2,70	2,00	2,00	1,10	0,80
K	0,05	0,02	0,03	0,04	0,04
Na	0,01	0,01	0,01	0,01	0,01
S	11,66	10,43	10,34	7,45	6,45
Al	0,02	0,04	0,06	<0,01	0,06
H + Al	3,40	4,10	3,20	3,30	3,20
T	15,06	14,53	13,54	10,75	9,65
T(arg.)	28	28	23	15	12
V (%)	77	72	76	69	67
Sat. Al	<1	<1	1	<1	1
Fe (total)	-	-	19	-	-
Calhaus (g kg ⁻¹)	-	-	-	-	-
Cascalho	<1	<1	<1	<1	<1
Areia grossa	12	9	8	8	4
Areia fina	114	94	63	63	52
Silte	338	373	339	229	159
Argila	536	525	591	700	785
Argila natural	49	32	54	40	38
Agregação (%)	91	94	91	94	95
Silte/argila	0,63	0,71	0,57	0,32	0,20
Textura	C	C	C	Cp	Cp

Cp - argila-pesada; C - argila.

Vales aplainados (Va)

São as terras depressivas, que ocupam as cabeceiras das bacias hidrográficas, situadas principalmente entre as chapadas. Formam antigos vales de drenagem onde os processos erosivos eram tênues, em relação aos atuais (Figs. 5 e 6). As águas retidas pela floresta se escoavam lentamente, através do interior do solo, sem aprofundarem sulcos superficiais. Os vales são largos e se estreitam lentamente em direção aos rios. As encostas são de baixos declives (< 5%).

Iniciam em uma depressão côncava, elíptica, que se estreita ao ligar-se com o dreno depressivos longitudinal. A depressão, de fundo argiloso, é mantida úmida ou com algum acúmulo de água, em virtude da contenção dos sedimentos, no contato com o restante do vale, que é mais estreito. No escoamento de drenagem há alguns locais mais úmidos, com uma vegetação diferenciada da floresta padronizada. Essas áreas iniciais com depressões aparentam um hidromorfismo perene como as veredas dos planaltos do Brasil Central, mas o fluxo de suprimento de água é menor, pois geralmente provém apenas do solo.

Os solos estão em sintonia com os compostos orgânicos ainda de uma floresta que foi ou está sendo removida. Os solos coletados nas bordas destes vales pouco se diferenciam das encostas normais, que são de perfis que muito se intemperizaram, chegando a parâmetros gerais muito próximos, independente da posição do relevo. Entretanto, a cobertura posterior de resíduos da vegetação florestal e o uso agrícola criaram superficialmente relações orgânicas e mineralógicas, que os fazem mais retentores de bases trocáveis.

No geral, a formação destes vales, com encostas de baixos declives, sempre foi acompanhada de um processo erosivo, que removia lentamente os sedimentos coluviais. Essa forma erosiva, mais lenta, própria de condições climáticas contrastantes com as atuais, diferenciou os vales antigos aplainados dos mais íngremes e estreitos, próprios do clima atual. O longo tempo do estabelecimento do relevo foi suficiente para uniformizar e aprofundar os solos, além de laterizar suas camadas, aos mesmos níveis de encostas mais antigas. Em resumo, todos os parâmetros desse relevo, em termos de variações químicas e físicas, foram padronizados pelo tempo. Entretanto cabe acentuar, que nos fundos dos vales, onde a sedimentação quaternária superficial já se faz presente, há uma heterogeneidade em termos de qualificação pedológica dos resíduos, que não pode ser dimensionada com precisão, mas não foge da natureza da sua origem que é de sedimentos pré-intemperizados ou laterizados.

Ao se generalizar estes vales antigos e suas encostas, observa-se que ocorrem solos menos profundos, onde as camadas intemperizadas podem chegar a 1,5 m, sem encontrar parâmetros próprios de hidromorfismo (Tabelas 19 a 22).

No geral, são descritos com um horizonte A_1 de 20 cm de espessura, cor vermelho-acinzentado-escuro (10 R 3/2), textura argila a argila-pesada, estrutura em grumos e blocos subangulares, pequenos, moderada a forte, consistência muito friável úmida e macia quando seca, matéria orgânica de 2,67 a 2,68 %, acidez definida por pH de 5,28 a 6,49, alumínio trocável de 0,00 a 1,56 $\text{cmol}_c.\text{kg}^{-1}$, saturação com o alumínio de 1 %, soma de bases trocáveis de 4,74 a 9,46 $\text{cmol}_c.\text{kg}^{-1}$, capacidade de troca de cátions de 10,74 a 10,96 $\text{cmol}_c.\text{kg}^{-1}$, e saturação de bases de 44 a 86 %.

A camada subsequente, horizonte A_2 , de 30 cm de espessura, possui cor vermelho-escuro-acinzentado, textura argila-pesada, estrutura em blocos subangulares médios que se desagregam em pequenos e muito pequenos, forte, matéria orgânica de 1,17 a 2,24 %, acidez com pH de 5,24 a 5,27, alumínio trocável de 0,80 a 2,38 $\text{cmol}_c.\text{kg}^{-1}$, saturação com alumínio de 18 a 50 %, soma de bases trocáveis de 2,42 a 3,72 $\text{cmol}_c.\text{kg}^{-1}$, capacidade de troca de cátions de 6,22 a 8,22 $\text{cmol}_c.\text{kg}^{-1}$ e saturação de bases de 29 a 60 %.

A camada inferior, horizonte BA, de 20 a 50 cm de espessura, possui cor vermelho-escuro, textura de argila-pesada, estrutura em blocos subangulares médios que se desagregam em pequenos e muito pequenos, forte, matéria orgânica de 0,93 a 1,64 %, acidez com pH de 4,85 a 5,34, alumínio trocável de 1,90 a 2,06 $\text{cmol}_c.\text{kg}^{-1}$, saturação com alumínio de 50 a 60 %, soma de bases trocáveis de 1,92 a 2,02 $\text{cmol}_c.\text{kg}^{-1}$, capacidade de troca de cátions de 4,82 a 7,12 $\text{cmol}_c.\text{kg}^{-1}$ e saturação de bases de 28 a 40 %.

A camada inferior, horizonte Bnit.₁, de 20 a 30 cm de espessura, possui cor vermelho-escuro, textura argila-pesada, estrutura em blocos subangulares médios que se desagregam em pequenos e muito pequenos, forte a moderada, matéria orgânica de 0,69 a 1,26 %, acidez com pH de 4,87 a 5,21, alumínio trocável de 1,86 a 1,98 $\text{cmol}_c.\text{kg}^{-1}$, saturação com alumínio de 55 a 57 %, soma de bases trocáveis de 1,52 a 1,72 $\text{cmol}_c.\text{kg}^{-1}$, capacidade de troca de cátions de 4,52 a 6,22 $\text{cmol}_c.\text{kg}^{-1}$ e saturação de bases de 24 a 34 %.

A camada inferior, horizonte Bnit.₂, de 20 cm de espessura, possui cor vermelho-escuro, textura argila-pesada, estrutura em blocos subangulares médios que se desagregam em pequenos e muito

pequenos, forte, matéria orgânica de 0,77 %, acidez com pH de 5,24, alumínio trocável de 1,56 $\text{cmol}_c.\text{kg}^{-1}$, saturação com alumínio de 28 %, soma de bases trocáveis de 1,72 $\text{cmol}_c.\text{kg}^{-1}$, capacidade de troca de cátions de 6,12 $\text{cmol}_c.\text{kg}^{-1}$ e saturação de bases de 28 %.

Quanto ao uso agrícola, são locais mais adequados, as residências dos que colonizaram intensivamente a região. São áreas estreitas, com solos muito férteis nas partes depressivas de depósitos residuais. Além da natureza favorável dos solos, que produzem, inicialmente sem corretivos, a disponibilidade da água foi o fator predominante na escolha desses locais de moradia. São as áreas possíveis de conterem reservas de água. Reservas que raramente brotam de fontes. São reservas de escoamento natural das superfícies. Pequenos açudes são constituídos sucessivamente para suprirem a demanda que aumenta gradativamente.

Quanto ao uso agrícola, são próprias a cultivos perenes, que não quebrem o equilíbrio natural, pela

cobertura das enxurradas de água e sedimentos consequentes da remoção da floresta, das áreas de cultivos intensivos (chapadas e coxilhas).

Quanto à capacidade de uso, pertencem à Classe VIsed, com limitações de acidez do solo, suscetibilidade a erosão e períodos ocasionais de excessos de umidade. A aptidão agrícola está sendo respeitada integralmente com o uso em uma agricultura familiar. As terras não são próprias ao emprego de uma agricultura desenvolvida, em função da possível poluição geral dos drenos naturais. São os últimos redutos de contenção do processo erosivo provocado e da preservação de alguns animais nativos ainda existentes.

Os solos dessas bordas de vales são similares ao das encostas, quanto a taxonomia, até ao quarto nível: Nitossolo Vermelho Distroférrico latossólico ou chernossólico, quando mais fértil.

Foto: Carlos Roberto S. Severo



Fig. 5. Chapadas com vales aplainados e mata de fundo de vale, Chiapetta, RS.

Foto: Carlos Roberto S. Severo



Fig. 6. Ao fundo vales aplainados ainda com vegetação nativa e moradias, Chiapetta, RS.

Tabela 19. Informações do perfil S-7 da unidade Va.

a) Classificação: NITOSSOLO VERMELHO Distroférico latossólico (Embrapa 1999); Soil Taxonomy - Rhodic Kandihumult. b) Localização: Novo Horizonte, coordenadas = 217.625, 6.899.783, altitude = 449 m. c) Geologia regional: basalto, camadas alternadas de rochas efusivas básicas. d) Material de origem: basalto. e) Geomorfologia: chapadas. f) Situação do perfil: terço inferior - borda de floresta. g) Declividade: 6 - 10% na encosta. h) Erosão: não há. i) Relevo: ondulado. j) Suscetibilidade à erosão: moderada a forte. l) Pedregosidade: não há. m) Rochosidade: não há. n) Drenabilidade: bem drenado. o) Vegetação: beira de mata. p) Descrição do perfil:

(hz)	(cm)	(solo)
A ₁	0-20	Vermelho-acinzentado-escuro (10 R 3/2) úmido e seco; argila-pesada; granular forte e grumos, forte; pegajoso, plástico, muito friável, macio; transição gradual e plana.
A ₂	20-50	Vermelho-acinzentado-escuro (10 R 3/3) úmido e seco; argila-pesada; blocos subangulares pequenos e grumos, forte; pegajoso, plástico, muito friável, macio; transição gradual e plana.
BA	50-70	Vermelho-escuro (10 R 3/6) úmido e seco; argila-pesada; blocos subangulares pequenos e médios, moderada a forte; cerosidade pouca e moderada; pegajoso, plástico, muito friável, lig. duro; transição gradual e plana.
Bnit.1	70-100	Vermelho-escuro (10 R 3/6) úmido e seco; argila-pesada; blocos subangulares pequenos e médios, moderada a forte; cerosidade pouca e fraca; macroporos abundantes; pegajoso, plástico, muito friável, lig. duro; transição gradual e plana.
Bnit.2	100-120+	Vermelho-escuro (10 R 4/6) úmido e seco; argila-pesada; blocos subangulares pequenos e médios, fraca a moderada; cerosidade pouca e fraca; macroporos abundantes; pegajoso, plástico, muito friável, lig. duro.

Tabela 20. Resultados das análises do perfil S-7 da unidade Va.

Fatores	Horizontes					
	A ₁	A ₂	BA	Bnit.1	Bnit.2	
Espessura (cm)	0-20	20-50	50-70	70-100	100-120+	
C. orgânico (g kg ⁻¹)	15,50	13,00	9,50	7,30	4,50	
M. O. (%)	2,67	2,24	1,64	1,26	0,77	
P (mg kg ⁻¹)	12,03	8,42	7,82	6,13	9,35	
pH (H ₂ O)	5,28	5,27	5,34	5,21	5,24	
pH (KCl)	3,94	3,81	3,88	3,95	4,00	
Ca (cmolc.kg ⁻¹)	3,10	1,60	1,40	1,10	1,20	
Mg "	1,60	0,80	0,60	0,40	0,50	
K "	0,03	0,01	0,01	0,01	0,01	
Na "	0,01	0,01	0,01	<0,01	<0,01	
S "	4,74	2,42	2,02	1,52	1,72	
Al "	1,56	2,38	2,06	1,86	1,56	
H + Al "	6,00	5,90	5,10	4,70	4,40	
T "	10,74	8,32	7,12	6,22	6,12	
T(arg.) "	17	13	11	9	8	
V (%)	44	29	28	24	28	
Sat. Al "	25	50	50	55	48	
Fe (total) "	-	-	-	18	-	
Calhaus (g kg ⁻¹)	-	-	-	-	-	
Cascalho "	<1	<1	<1	<1	1	
Areia grossa "	7	4	7	8	8	
Areia fina "	109	96	80	63	54	
Silte "	266	283	249	221	197	
Argila "	618	617	663	707	741	
Argila natural "	87	99	81	78	79	
Agregação (%)	86	84	88	89	89	
Silte/argila -	0,43	0,46	0,38	0,31	0,26	
Textura -	Cp	Cp	Cp	Cp	Cp	

Cp - argila-pesada.

Tabela 21. Informações do perfil S-11 da unidade Va.

a) Classificação: NITOSSOLO VERMELHO Distroférico chernossólico (Embrapa 1999); Soil Taxonomy - Rhodic Kandudult.
b) Localização: As Brancas, coordenadas = 218.370, 6.896.165, altitude = 421 m. c) Geologia regional: basalto, camadas alternadas de rochas básicas. d) Material de origem: basalto. e) Geomorfologia: coxilhas. f) Situação do perfil: topo de coxilha.
g) Declividade: 2 - 3% no topo e 10 - 20% na encosta. h) Erosão: não há. i) Relevo: ondulado. j) Suscetibilidade à erosão: moderada a forte. l) Pedregosidade: não há. m) Rochosidade: não há. n) Drenabilidade: bem drenado. o) Vegetação: floresta virgem. p) Descrição do perfil:

(hz)	(cm)	(solo)
A ₁	0-20	Vermelho-acinzentado-escuro (10 R 3/2) úmido e seco; argila; blocos subangulares pequenos e grumos, forte; pegajoso, plástico, muito friável, macio; transição gradual e plana.
A ₂	20-50	Vermelho-acinzentado-escuro (10 R 3/3) úmido e seco; argila-pesada; blocos subangulares pequenos e grumos, forte; pegajoso, plástico, muito friável, macio; transição gradual e plana.
BA	50-100	Vermelho-escuro (10 R 3/6) úmido e seco; argila-pesada; blocos subangulares pequenos e médios, moderada a forte; cerosidade pouca e moderada; pegajoso, plástico, muito friável, lig. duro; transição gradual e plana.
Bnit.	100-120+	Vermelho-escuro (10 R 3/6) úmido e seco; argila-pesada; blocos subangulares pequenos e médios, moderada a forte; cerosidade pouca e fraca; macroporos abundantes; pegajoso, plástico, muito friável, lig. duro.

Tabela 22. Resultados das análises do perfil S-11 da unidade Va.

Fatores	Horizontes			
	A ₁	A ₂	BA	Bnit.
Espessura (cm)	0-20	20-50	50-100	100-120 +
C. orgânico (g kg ⁻¹)	15,60	6,80	5,40	4,00
M. O. (%)	2,68	1,17	0,93	0,69
P (mg kg ⁻¹)	22,50	13,15	19,46	16,93
pH (H ₂ O)	6,49	5,14	4,85	4,87
pH (KCl)	5,36	4,22	3,97	3,98
Ca (cmol _c .kg ⁻¹)	6,00	2,20	1,20	0,90
Mg "	3,40	1,50	0,70	0,60
K "	0,05	<0,01	<0,01	<0,01
Na "	<0,01	<0,01	<0,01	<0,01
S "	9,46	3,72	1,92	1,52
Al "	0,00	0,80	1,90	1,98
H + Al "	1,50	2,50	2,90	3,00
T "	10,96	6,22	4,82	4,52
T(arg.) "	19	9	7	6
V (%)	86	60	40	34
Sat. Al "	< 1	18	50	57
Fe (total) "	-	-	-	17
Calhaus (g kg ⁻¹)	-	-	-	-
Cascalho "	4	7	13	121
Areia grossa "	32	35	26	33
Areia fina "	101	68	54	53
Silte "	302	222	185	191
Argila "	565	675	735	723
Argila natural "	17	9	7	7
Agregação (%)	97	99	99	99
Silte/argila -	0,53	0,33	0,25	0,26
Textura -	C	Cp	Cp	Cp

Cp - argila-pesada; C - argila.

Vales íngremes (Ve)

São as terras situadas entre as coxilhas de relevo ondulado onde se desenvolvem vales muito profundos de encostas com altos declives (> 20%). São áreas em que o processo erosivo é mais recente, próprio do período Quaternário, e os solos estão sendo expostos com menor tempo de intemperização, na maior parte.

Muitas áreas estão distribuídas em locais em que o principal agente de diferenciação do processo erosivo contínuo, é a própria constituição geológica. Mudanças na constituição dos basaltos, de deposições básicas para ácidas, parecem ser o fator preponderante na variação local, juntamente com o aumento da carga hidráulica que atua com muito maior vigor do que nos vales aplainados.

São vales depressivos, muito estreitos, em que uma das encostas apresenta, muitas vezes, cortes quase retilíneos, com declives muito altos. Às vezes tendem a verticais. O aprofundamento dos vales é mais intenso do que a retração das encostas. Não há contenção significativa de sedimentos no fundo dos vales, nem deposições recentes. Geralmente,

os cortes retilíneos são acompanhados de escarpas rochosas, onde rochas vulcânicas silicosas afloram. Junto a algumas encostas, onde há menores declives, pode haver sedimentos coluviais. Áreas rochosas e pedregosas esparsas são ocasionais.

No geral, a meteorização dessas encostas não teve tempo suficiente para uniformizar todos os parâmetros desses solos, em termos das variações químicas e físicas analisadas (Tabelas 23 e 24).

Há maior ocorrência de solos menos intemperizados definidos como pouco profundos que são os Chernossolos Argilúvicos Férricos saprolíticos os quais possuem um horizonte A, de 20 cm de espessura, cor vermelho-acinzentado-escuro (10 R 3/2), textura argila a argila-pesada, estrutura em grumos e blocos subangulares, pequenos, moderada a forte, consistência muito friável úmida e macia quando seca, matéria orgânica de 2,55 %, acidez definida por pH de 5,79, alumínio trocável de 0,02 cmol_c.kg⁻¹, soma de bases trocáveis de 10,15 cmol_c.kg⁻¹, capacidade de troca de cátions de 12,15 cmol_c.kg⁻¹, e saturação de bases de 84 %.

A camada subsequente, horizonte AB, de 20 cm de espessura, possui cor vermelho-escuro-acinzentado, textura argila, estrutura em blocos subangulares médios que se desagregam em pequenos e muito pequenos, forte, matéria orgânica de 2,12 %, acidez com pH de 5,83, alumínio trocável de 0,64 $\text{cmol}_c.\text{kg}^{-1}$, soma de bases trocáveis de 11,72 $\text{cmol}_c.\text{kg}^{-1}$, capacidade de troca de cátions de 14,02 $\text{cmol}_c.\text{kg}^{-1}$ e saturação de bases de 84 %.

A camada inferior horizonte BC de 45 cm de espessura, possui cor vermelho-escuro, textura argila-pesada, estrutura em blocos subangulares médios que se desagregam em pequenos e muito pequenos, forte, matéria orgânica de 0,83 %, acidez com pH de 5,02, alumínio trocável de 3,74 $\text{cmol}_c.\text{kg}^{-1}$, saturação com alumínio de 40 %, soma de bases trocáveis de 5,72 $\text{cmol}_c.\text{kg}^{-1}$, capacidade de troca de cátions de 9,62 $\text{cmol}_c.\text{kg}^{-1}$ e saturação de bases de 59 % (Fig. 7).

Nas partes conservadas ou residuais ainda ocorrem solos muito intemperizados que se assemelham ao Nitossolo Vermelho Distroférico latossólico. Este solo possui um horizonte A de 20 cm espessura, cor vermelho-acinzentado-escuro (10 R 3/2), textura de argila a argila-pesada, estrutura em grumos e blocos subangulares, pequenos, moderada a forte, consistência muito friável úmida e macia quando seca, matéria orgânica de 2,11 %, acidez definida por pH de 4,82, alumínio trocável de 2,16 $\text{cmol}_c.\text{kg}^{-1}$, saturação com alumínio de 38 %, soma de bases trocáveis de 3,53 $\text{cmol}_c.\text{kg}^{-1}$, capacidade de troca de cátions de 7,33 $\text{cmol}_c.\text{kg}^{-1}$, e saturação de bases de 48 %.

A camada subsequente, horizonte AB, de 30 cm de espessura, possui cor vermelho-escuro-acinzentado, textura argila-pesada, estrutura em blocos subangulares médios que se desagregam em pequenos e muito pequenos, forte, matéria orgânica de 1,71 %, acidez com pH de 4,78, alumínio trocável de 3,06 $\text{cmol}_c.\text{kg}^{-1}$, saturação com alumínio de 64 %, soma de bases trocáveis de 1,72 $\text{cmol}_c.\text{kg}^{-1}$, capacidade de troca de cátions de 5,72 $\text{cmol}_c.\text{kg}^{-1}$ e saturação de bases de 30 %.

A camada inferior, horizonte Bnit.₁, de 50 cm de espessura, possui cor vermelho-escuro, textura de argila-pesada, estrutura em blocos subangulares médios que se desagregam em pequenos e muito pequenos, forte, matéria orgânica de 1,41 %, acidez com pH de 4,82, alumínio trocável de 3,10 $\text{cmol}_c.\text{kg}^{-1}$, saturação com alumínio de 68 %, soma de bases trocáveis de 1,42 $\text{cmol}_c.\text{kg}^{-1}$, capacidade de troca de cátions de 5,22 $\text{cmol}_c.\text{kg}^{-1}$ e saturação de bases de 27 %.

A camada inferior, horizonte Bnit.₂, de 100 cm de espessura, possui cor vermelho-escuro, textura argila-pesada, estrutura em blocos subangulares médios que se desagregam em pequenos e muito pequenos, forte a moderada, matéria orgânica de 93 %, acidez com pH de 4,83, alumínio trocável de 2,46 $\text{cmol}_c.\text{kg}^{-1}$, saturação com alumínio de 71 %, soma de bases trocáveis de 1,02 $\text{cmol}_c.\text{kg}^{-1}$, capacidade de troca de cátions de 4,42 $\text{cmol}_c.\text{kg}^{-1}$ e saturação de bases de 23 %.

A camada inferior, horizonte Bw₁, de 100 cm de espessura, possui cor vermelho-escuro, textura argila-pesada, estrutura em blocos subangulares médios que se desagregam em pequenos e muito pequenos, forte, matéria orgânica de 0,53 %, acidez com pH de 4,82, alumínio trocável de 2,24 $\text{cmol}_c.\text{kg}^{-1}$, saturação com alumínio de 71 %, soma de bases trocáveis de 0,92 $\text{cmol}_c.\text{kg}^{-1}$, capacidade de troca de cátions de 4,02 $\text{cmol}_c.\text{kg}^{-1}$ e saturação de bases de 23 %.

A camada inferior, horizonte Bw₂, de 100 cm de espessura, possui cor vermelho-escuro, textura argila-pesada, estrutura em blocos subangulares médios que se desagregam em pequenos e muito pequenos, forte, matéria orgânica de 0,25 %, acidez com pH 4,78, alumínio trocável de 4,10 $\text{cmol}_c.\text{kg}^{-1}$, saturação com alumínio de 83 %, soma de bases trocáveis de 0,83 $\text{cmol}_c.\text{kg}^{-1}$, capacidade de troca de cátions de 5,23 $\text{cmol}_c.\text{kg}^{-1}$ e saturação de bases de 16 %, (Tabelas 25 e 26).

Assemelham-se, na sua maioria, aos descritos por Costa Lemos, em Brasil (1973) como pertencentes às Unidades de Mapeamento Cirfaco e Charrua nas suas formas morfológicas (Tabelas 30 a 33). Não se ajustam precisamente na sua variabilidade analítica. São produtos de um intemperismo mais acentuado, entretanto as superfícies mais recentes podem se caracterizar como Chernossolo Argilúvico Férreo saprolítico. As partes mais intemperizadas caracterizam os Nitossolos Vermelhos desde Eutroférico a Distroférico, com subgrupos de chernossólico (saturação de bases mais altas) a latossólico.

As terras mais férteis sempre foram cultivadas intensamente, após a colonização, apesar de estarem em áreas de alto risco. São áreas próprias a cultivos com uma agricultura familiar. Estão sendo propostas pelos sistemas taxonômicos usados como próprias apenas cultivos perenes ou silvicultura. Cabe uma modificação no uso atual para não poluí-las.



Foto: Carlos Roberto S. Severo

Fig. 7. Chernossolo Argilúvico Férrico saprolítico, Chiapetta, RS.

Tabela 23. Informações do perfil S-9 da unidade Ve.

a) Classificação: CHERNOSSOLO ARGILÚVICO Férrico saprolítico (Embrapa 1999); Soil Taxonomy - Lithic Argiudoll. b) Localização: Linha Iracema, coordenadas = 206.430, 6.904.564, altitude = 367 m. c) Geologia regional: basalto, camadas alternadas de rochas básicas. d) Material de origem: basalto. e) Geomorfologia: vales estreitos entre chapadas. f) Situação do perfil: bordas de vale. g) Declividade: 2 - 3% no topo e 20% na encosta. h) Erosão: não há. i) Relevo: ondulado. j) Suscetibilidade à erosão: moderada a forte. l) Pedregosidade: não há. m) Rochosidade: não há. n) Drenabilidade: bem drenado. o) Vegetação: floresta virgem. p) Descrição do perfil:

(hz)	(cm)	(solo)
A	0-20	Vermelho-acinzentado-escuro (10 R 3/2) úmido e seco; argila; blocos subangulares pequenos e grumos, forte; pegajoso, plástico, muito friável, macio; transição gradual e plana.
AB	20-40	Vermelho-escuro (10 R 3/3) úmido e seco; argila; blocos subangulares pequenos e grumos, forte; pegajoso, plástico, muito friável, macio; transição gradual e plana.
BC	40-85 +	Vermelho-escuro (10 R 3/6) úmido e seco; argila; blocos subangulares pequenos e médios, moderada a forte; cerosidade pouca e moderada; pegajoso, plástico, muito friável, lig. duro.

Tabela 24. Resultados das análises do perfil S-9 da unidade Ve.

Fatores	Horizontes		
	A	AB	BC
Espessura (cm)	0-20	20-40	40-85 +
C. orgânico (g kg ⁻¹)	14,80	12,30	4,80
M. O. %	2,55	2,12	0,83
P (mg kg ⁻¹)	17,04	18,19	16,30
pH (H ₂ O)	5,79	5,83	5,02
pH (KCl)	4,86	4,68	3,83
Ca (cmolc.kg ⁻¹)	7,10	8,20	4,00
Mg "	3,00	3,50	1,70
K "	0,04	0,01	<0,01
Na "	<0,01	0,01	<0,01
S "	10,15	11,72	5,72
Al "	0,02	0,04	3,74
H + Al "	2,00	2,30	3,90
T "	12,15	14,02	9,62
T(arg.) "	22	28	18
V %	84	84	59
Sat. Al "	<1	<1	40
Fe (total) "	-	-	20
Calhaus (g kg ⁻¹)	-	-	-
Cascalho "	2	17	14
Areia grossa "	13	30	64
Areia fina "	97	129	179
Silte "	332	340	236
Argila "	558	501	521
Argila natural "	80	70	66
Agregação %	86	86	87
Silte/argila -	0,59	0,68	0,45
Textura -	C	C	C

C - argila.

Tabela 25. Informações do perfil S-10 da unidade Ve.

a) Classificação: NITOSSOLO VERMELHO Distroférrico latossólico (Embrapa 1999); Soil Taxonomy - Rhodic Kandihumult. b) Localização: Linha Modelage, coordenadas = 206.146, 6.903.935, altitude = 334 m. c) Geologia regional: basalto, camadas alternadas de rochas básicas. d) Material de origem: basalto. e) Geomorfologia: coxilhas e lombadas aplainadas. f) Situação do perfil: terço inferior da encosta. g) Declividade: 3 - 5%. h) Erosão: não há. i) Relevo: suave ondulado. j) Suscetibilidade à erosão: moderada. l) Pedregosidade: não há. m) Rochosidade: não há. n) Drenabilidade: bem drenado. o) Vegetação: cultura de trigo e soja em rotação com outras gramíneas de inverno. p) Descrição do perfil:

(hz)	(cm)	(solo)
A	0-20	Vermelho-acinzentado-escuro (10 R 3/2) úmido e seco; argila-pesada; blocos subangulares pequenos e grumos, forte; pegajoso, plástico, muito friável, macio; transição gradual e plana.
AB	20-50	Vermelho-acinzentado-escuro (10 R 3/3) úmido e seco; argila-pesada; blocos subangulares pequenos e grumos, forte; pegajoso, plástico, muito friável, lig. duro; transição gradual e plana.
Bnit.1	50-100	Vermelho-escuro (10 R 3/6) úmido e seco; argila-pesada; blocos subangulares pequenos e médios, moderada a forte; cerosidade pouca e moderada; pegajoso, plástico, muito friável, lig. duro; transição gradual e plana.
Bnit.2	100-200	Vermelho-escuro (10 R 3/6) úmido e seco; argila-pesada; blocos subangulares pequenos e médios, moderada a forte; cerosidade pouca e fraca; macroporos abundantes; pegajoso, plástico, muito friável, lig. duro; transição gradual e plana.
Bw ₁	200-300	Vermelho-escuro (10 R 4/6) úmido e seco; argila-pesada; blocos subangulares pequenos e médios, fraca a moderada; cerosidade pouca e fraca; macroporos abundantes; pegajoso, plástico, muito friável, lig. duro; transição gradual e plana.
Bw ₂	300-400 +	Vermelho-escuro (10 R 4/6) úmido e seco; argila-pesada; compactado com aspecto de maciço poroso; cerosidade pouca e fraca; macroporos abundantes; pegajoso, plástico, muito friável, lig. duro.

Tabela 26. Resultados das análises do perfil S-10 da unidade Ve.

Fatores	Horizontes					
	A	AB	Bnit.1	Bnit.2	Bw ₁	Bw ₂
Espessura (cm)	0-20	20-50	50-100	100-200	200-300	300-400 +
C. orgânico (g kg ⁻¹)	12,20	9,90	8,20	5,40	3,00	1,50
M. O. (%)	2,11	1,71	1,41	0,93	0,53	0,25
P (mg kg ⁻¹)	13,46	13,04	13,67	16,40	18,19	17,67
pH (H ₂ O)	4,82	4,78	4,82	4,83	4,82	4,78
pH (KCl)	3,87	3,81	3,89	3,94	3,95	3,85
Ca (cmolc.kg ⁻¹)	2,50	1,30	1,00	0,70	0,60	0,50
Mg "	1,00	0,40	0,40	0,30	0,30	0,30
K "	0,02	<0,01	<0,01	<0,01	0,01	0,02
Na "	0,01	0,01	0,01	<0,01	<0,01	<0,01
S "	3,53	1,72	1,42	1,02	0,92	0,83
Al "	2,16	3,06	3,00	2,46	2,24	4,10
H + Al "	3,80	4,00	3,80	3,40	3,10	4,40
T "	7,33	5,72	5,22	4,42	4,02	5,23
T(arg.) "	11	8	7	6	6	14
V (%)	48	30	27	23	23	16
Sat. Al "	38	64	68	71	71	83
Fe (total) "	-	-	22	-	-	-
Calhaus (g kg ⁻¹)	-	-	-	-	-	-
Cascalho "	2	4	3	3	4	3
Areia grossa "	11	8	6	11	10	45
Areia fina "	101	88	77	63	84	186
Silte "	249	219	203	185	191	398
Argila "	639	685	714	741	715	371
Argila natural "	70	18	30	24	16	6
Agregação (%)	89	97	96	97	98	98
Silte/argila -	0,39	0,32	0,28	0,25	0,27	1,07
Textura -	Cp	Cp	Cp	Cp	Cp	CL

Cp - argila-pesada; CL - franco-argilosa

Discussão

Formas de relevo e solos

O município de Chiapetta, situado na região do Planalto, mais especificamente na região das Missões, nos limites com a região do Alto Uruguai, está embasado sobre rochas efusivas básicas. Derrames, intermitentes e sucessivos de rochas de natureza alcalina, se supõe que tenham constituído, pela natureza fluida do magma, um platô que evoluiu no tempo, sendo dissecado desde os períodos Cretáceo, Terciário e Quaternário, em sucessivos climas passados. Dos climas passados resta o conjunto dos efeitos que se constituíram em uma meteorização intensa das rochas criando, na superfície, uma camada muito espessa de resíduos, de natureza argilo-ferruginosa, onde a velocidade de remoção pelos processos erosivos era menor do que a deposição e a intemperização local.

Localmente, o planalto, em dissecção, compõe as nascentes dos rios Buricá, principalmente, e Santa Rosa, que drenam suas águas para o rio Uruguai. As nascentes se iniciam nas chapadas com cotas mais altas, em torno de 500 metros.

Verifica-se que, regionalmente, os níveis altimétricos superiores foram modelados por climas passados úmidos e quentes, sem que as águas de drenagem fossem suficientemente erosivas, para aprofundar os drenos naturais. Com isso o planalto se ajustou a um sistema de drenos sem valas abertas, com baixos declives nas encostas (< 5%). Normalmente, verifica-se nesse sistema que a água é drenada, inicialmente, desde os platôs ou chapadas, para as pequenas depressões (100 metros), côncavas, com formas semelhantes a elipses. Tais depressões, com a parte inferior muito argilosa e o baixo declive, não permitem velocidade de escoamento superficial significativo. Este sistema de drenagem fóssil (modelado em climas passados), onde a água, que penetra no solo profundo e permeável, era retida na superfície pela ação dos resíduos da floresta, e fluía gradativamente para as depressões, através das longas encostas, está sendo gradativamente aberto, a jusante das chapadas pela intensificação das chuvas em períodos de climas no Quaternário. Isso se verifica, tanto pela ação direta do clima, com aumento de carga hidráulica das águas de drenagem, como pela ocorrência de camadas de

basalto de maior fragilidade aos processos de meteorização. É de se pensar que a recente eliminação da floresta irá contribuir a longo do tempo, ainda nessa aceleração dos processos erosivos, na formatização do relevo, iniciando-se na redução da espessura do solo.

Observa-se que o platô se modelou lentamente. Aparentemente, nesse período Quaternário, está sofrendo uma aceleração nos processos erosivos com a troca de formas de relevo a partir das cabeceiras das bacias hidrográficas locais, que limitam a leste e sudoeste o município. A evolução do relevo, para formas mais dissecadas intensamente, já apresenta uma relação direta com rocha matriz e com as variações climáticas do Quaternário (enxurradas e deposições sedimentares).

Entretanto, IBGE (1986) caracteriza o relevo local como composto por uma dissecação homogênea fluvial, sem nenhum controle pelas estruturas rochosas. Descreve esse relevo com formas de colinas rasas denominadas regionalmente de coxilhas. Não se refere aos vulcanitos ácidos como um componente de variações de relevo para as formas mais íngremes.

Descrever o produto desta dissecação do planalto como coxilhas é de certa forma simplificar as características. Tem-se observado que as formas antigas de relevo que ocorrem nas rochas cristalinas graníticas no sul do RS, onde o termo coxilha é mais popular, representam um relevo mais antigo. Nelas os processos erosivos estão mais avançados. Nas coxilhas do sul, as partes altas, que definem um pseudo-espigão, também são planas, como pertencentes a um planalto antigo (Sombroek 1969). Entretanto, são sinuosas e estreitas e os contrastes altimétricos entre as bases e os topos ocorrem em pequenas distâncias. As depressões côncavas são mais profundas, embora muitas vezes semelhantes, e são marcadas por nascentes com vertentes dependentes da estrutura rochosa localizada.

As chapadas locais (P_0), com o processo de dissecação, foram adquirindo formas superficiais arredondadas e sofrendo um progressivo formato aparentemente mamilonar aplainado, com as superfícies e bordas completamente lisas. A segmentação entre as unidades de chapadas é incipiente. No relevo mais antigo, de encostas lisas e declives constantes, próprio de uma homogeneidade sucessiva, não se observam as alterações de formas, próprias ao relevo das coxilhas de rochas cristalinas graníticas. Nas coxilhas de rochas cristalinas o metamorfismo e a variação na composição das rochas são componentes de alterações do relevo. No relevo mais antigo, de sucessivas chapadas, se observa

que a homogeneidade dos fatores de constituição são constantes. As partes que se configuram côncavas, são menos depressivas do que as colinas cristalinas e raramente são contempladas com nascentes de água. A sua maioria é abastecida com volumes de água transitórios das chapadas e permanecem retidos na bacia por resíduos da vegetação que obstruem, parcialmente, na parte estreita da bacia, a passagem da água. Não chegam ter fontes de água provenientes das diaclases do basalto. Em termos comparativos as chapadas, com um relevo suave ondulado, possuem formas que se assemelham mais com às lombadas sedimentares da região Sul do RS.

À medida que o processo erosivo é ocasionado pelo embasamento em cargas hidráulicas mais acentuadas, já com o sistema de drenagem se aprofundando nos vales, se observa que, gradativamente, a configuração do relevo se torna mais dissecado (P_1). As formas aplainadas dos topos se tornam alongadas, mais estreitas, com encostas maiores e são mais acentuados os declives ($< 12\%$). Tal relevo, com aspecto ondulado, lembra os desníveis altimétricos e o aspecto roliço e estreito dos topos das coxilhas. Entretanto, a suavidade e lisura das amplas encostas são mantidas, como ocorre nas formas semelhantes de chapadas mamilonares.

O relevo ondulado, que se verifica à medida que os drenos se aprofundam em direção ao noroeste, parece não estar somente relacionado a ocorrência local dos principais drenos. É possível que os estratos rochosos diferenciados, que proporcionam um aprofundamento na drenagem, contribuam para essa diferenciação sutil e gradativa nessas formas de superfícies mais longas e estreitas, evoluídas das chapadas. Observa-se que, mesmo nas cotas mais baixas, como em municípios vizinhos, em direção ao rio Uruguai, se verificam formas de chapadas em posições inferiores (cotas menores do que 400 metros), que parecem ser produto de uma mesma estratificação do basalto.

Os vales, que são os segmentos iniciais desta drenagem, são formados por depressões que se ajustam em um aprofundamento lento e com isto não constituíram bordas nem depressões que contrastem a lisura das encostas (V_a). Entretanto, à medida que as cargas hidráulicas aumentam em direção aos arroios e rios coletores, o padrão antigo de morfologia superficial passa a ter contrastes entre as superfícies antigas, onde a água se move lentamente, e as bordas de uma drenagem que corre com maior velocidade, encaixada nos vales (V_e).

Os solos dessa região foram inicialmente determinados por Costa Lemos, em Brasil (1973) com uma

abrangência muito ampla nesse Planalto, em virtude, principalmente, da similaridade rochosa dos basaltos que, de certa forma, causam uma homogeneidade muito grande entre detalhes, nas fotos aéreas, sem que necessariamente alguns aspectos mais específicos possam ser diferenciados.

Os solos dessas chapadas e coxilhas da ampla região das Missões e arredores foram denominados de Unidade Santo Ângelo, que caracterizava um Latosolo Roxo Distrófico, textura argilosa, relevo ondulado, substrato basalto (Tabelas 28 e 29). Costa Lemos, em Brasil (1973) faz referência ao maior processo de intemperismo em relação as outras ocorrências de latossolos na região. Referem-se as páleos-estruturas em formas de blocos subangulares que ocorrem no horizonte B e a fraca cerosidade superficial desse horizonte. Aparentam macroestruturas frágeis que se desagregam em microestruturas a medida que são pressionados. Na época não havia a caracterização de horizonte B nítrico (Embrapa 1999) ou Kandic da Soil Taxonomy (1996).

Em estudos posteriores, IBGE (1986) caracteriza, essa ampla região, como de uma associação de solos denominada Unidade LDR1, composta por Latosolo Roxo distrófico A moderado e proeminente, textura muito argilosa e relevo suave ondulado. Terra Roxa Estruturada eutrófica e distrófica, A moderado, textura muito argilosa e Terra Bruna Estruturada intermediária para Terra Roxa Estruturada distrófica A moderado e proeminente, textura muito argilosa e relevo ondulado. Onde admite a existência de solos estruturados compondo horizonte B textural com cerosidade denominados de Terras Bruna ou Roxa.

Os resultados atualmente obtidos e descritos dos perfis, caracterizam superficialmente um horizonte A chernozêmico ou proeminente muito fortemente estruturado, sobre um horizonte B vermelho-escuro, com estrutura moderada a forte, em blocos subangulares, que se desagrega em blocos subangulares pequenos. Há uma cerosidade moderada envolvendo esses blocos. Os resultados, analisados de forma generalizada, da parte coloidal, apresentam um alto grau de intemperização, onde há uma dominância de compostos ferruginosos

oxídicos e cauliniticos, progressiva para a parte inferior do solo (Bw).

Essa congregação de fatores caracteriza os Nitossolos Vermelhos. A dominância de solos distróficos e altos teores de ferro, além do alto processo de intemperização, induz a denominação de Distroférricos latossólicos (Fig. 8).

Ocasionalmente, em superfícies erodidas, com exposições mais recentes ou com contribuição de restos mineralizados da floresta anterior ou ainda com vegetação de floresta, há solos Eutroféricos (horizonte B nítrico com saturação de bases alta na superfície). Esse fator induz a que se tenha também solos Distroférricos alguns com horizonte A superficial eutrófico. Tais ocorrências, não contempladas por subgrupos na taxonomia atual, Embrapa (1999), levam a se situar, provisoriamente estes solos como chernossólicos embora essa conceituação não pareça adequada, pois a ordem dos Chernossolos teria uma evolução antagônica à que se supõe que tenha ocorrido no caso. Cabe encontrar-se uma terminologia para expressar a alta fertilidade superficial, baseada em compostos orgânicos, sobre resíduos oxídicos.

Em perfis situados nos vales já apresentam, no início do horizonte B, o caráter eutrófico, sobre um grau de intemperização elevado, na parte inferior. Esses solos foram denominados Eutroféricos latossólicos. Alguns perfis menos intemperizados de exposição de encostas mais recentes são denominados de Eutróficos chernossólicos ou saprolíticos. Nos vales, essa heterogeneidade é comum, com maior ocorrência de solos férteis (Fig. 9).

Com isso, os solos mais rasos, encontrados nas bordas, pouco menos intemperizados, têm sido denominados de Chernossolos Argilúvicos Férricos saprolíticos, que seriam uma transição entre o Ciríaco ou Charrua (Tabelas 30 a 33) conforme propõe Costa Lemos, em Brasil (1973). Na verdade, o Chernossolo evoluiria em um clima seco onde as argilas não se degradariam como no caso. Entretanto, dentro do sistema atual, não há uma ordem que melhor situe solos com essas características (Tabela 27).

Tabela 27. Formas de relevo, solos, aptidão agrícola, capacidade de uso das terras e áreas (km²) do município de Chiapetta.

Formas de relevo	Legenda	Solos		Classes de Terras		Área	
		Ordem	Subordem	Apt. agrícola	Cap. de uso	km ²	%
Chapadas	Po	NITOSSOLO VERMELHO	Distroférrico latossólico	1aBC	Iise	187,18	47,17
		NITOSSOLO VERMELHO	Eutroférrico latossólico				
Coxilhas	P1	NITOSSOLO VERMELHO	Eutroférrico latossólico	1abC	IIIse	60,16	15,16
		NITOSSOLO VERMELHO	Distroférrico latossólico				
Vales aplainados	Va	NITOSSOLO VERMELHO	Distroférrico chernossólico	2a(b)	VIsed	134,30	33,85
		NITOSSOLO VERMELHO	Distroférrico latossólico				
Vales íngremes	Ve	CHERNOSSOLO ARGILÚVICO	Férrico saprolítico	4P	VIIsed	15,16	3,82
		NITOSSOLO VERMELHO	Distroférrico latossólico				

Foto: Carlos Roberto S. Severo



Fig. 8. Perfil de Nitossolo Vermelho Distroférrico latossólico, Chiapetta, RS.

Foto: Carlos Roberto S. Severo



Fig. 9. Camadas estratificadas de rochas efusivas básicas, Chiapetta, RS.

Tabela 28. Informações do perfil RS - 35 da unidade Santo Ângelo.

a) Classificação: SBSC - Latossolo Roxo Distrófico (Brasil 1973), LATOSSOLO VERMELHO Distroférico típico (Streck et al. 2002); Soil Taxonomy - Haplorthox. b) Localização: a 6 km de Santo Ângelo - São Luiz Gonzaga. c) Geologia regional: eruptivas básicas, basalto. d) Material de origem: eruptivas básicas, basalto. e) Geomorfologia: planalto. f) Situação do perfil: corte de estrada na meia encosta de uma elevação com 5% de declive. g) Declividade: 5%. h) Erosão: não determinada. i) Relevo: suave ondulado. j) Suscetibilidade à erosão: moderada. l) Pedregosidade: não há. m) Rochosidade: não há. n) Drenabilidade: bem drenado. o) Vegetação: pastagem, na região mata subtropical. p) Descrição do perfil: - .

(hz)	(cm)	(solo)
A ₁	0-40	Bruno-avermelhado-escuro (2.5 YR 3/4 úmido), vermelho-escuro (2.5 YR 3/6 úmido amassado), vermelho-escuro (2.5 YR 3/6 seco), vermelho-amarelado (5 YR 4/8 seco triturado); argila-pesada; fraca, pequena e média, granular; poroso; ligeiramente duro, firme plástico e ligeiramente pegajoso; transição difusa e plana; raízes abundantes.
B ₁	40-80	vermelho-escuro (2.5 YR 3/6 úmido), bruno-avermelhado-escuro (2.5 YR 3/6 seco), vermelho (2.5 YR 4/6 seco triturado); argila-pesada; moderada, pequena e média, blocos subangulares; cerosidade fraca e pouca; pouco poroso; duro, firme, ligeiramente plástico e não pegajoso; transição gradual e plana; raízes comuns.
B ₂	80-120	Bruno-avermelhado-escuro (2.5 YR 3/4 úmido), bruno-avermelhado-escuro (2.5 YR 3/4 úmido amassado), bruno-avermelhado-escuro (2.5 YR 3/5 seco), vermelho (2.5 YR 4/6 seco triturado); argila-pesada; fraca, grande blocos subangulares com aspecto de maciça, porosa, pouco coerente; poroso; muito duro, firme e friável plástico, ligeiramente plástico e não pegajoso; transição difusa e plana; raízes comuns.
B ₃₁	120-170	vermelho-escuro (2.5 YR 3/6 úmido), vermelho-escuro (2.5 YR 3/6 úmido amassado), vermelho escuro (2.5 YR 3/5 seco); vermelho-amarelado (5 YR 4/6 seco triturado); argila-pesada, fraca, grande, blocos subangulares, com aspecto de maciça, muito porosa, pouco coerente; muito poroso; muito duro, friável, ligeiramente plástico e não plástico e não pegajoso; transição difusa, coerente e plana; raízes ausentes.
B ₃₂	170-210	Bruno-avermelhado-escuro (2.5 YR 3/4 úmido), bruno-avermelhado-escuro (2.5 YR 3/4 úmido amassado), vermelho-escuro (2.5 YR 3/6 seco), vermelho-amarelado (5 YR 4/6 seco triturado); argila-pesada; fraca, muito grande, blocos angulares e fraca, grande, blocos subangulares com aspectos de maciça, porosa, pouco coerente; muito poroso; muito duro, friável, ligeiramente plástico e não pegajoso; raízes comuns.

Fonte: BRASIL (1973).

Tabela 29. Resultados das análises do perfil RS - 35 da unidade Santo Ângelo.

Fatores	Horizontes				
	A ₁	B ₁	B ₂	B ₃₁	B ₃₂
Espessura (cm)	0-40	40-80	80-120	120-170	170-210
C. orgânico %	1,23	0,53	0,51	0,31	0,33
M. O. -	2,14	0,92	0,89	0,54	0,57
P ppm	2	1	1	1	1
N %	0,12	0,06	0,06	0,04	0,04
C/N -	10	9	9	8	8
pH (H ₂ O) -	5,3	5,4	5,4	5,4	5,5
pH (KCl) -	4,4	4,5	4,4	4,3	4,3
SiO ₂ %	24,5	26,4	26,9	27,9	27,3
Al ₂ O ₃ "	21,1	23,0	23,7	23,4	23,4
Fe ₂ O ₃ "	24,6	23,1	22,7	21,4	22,1
TiO ₂ "	4,47	3,92	3,84	3,69	3,63
P ₂ O ₅ "	0,22	0,20	0,21	0,19	0,21
MnO "	0,29	-	-	0,28	-
Ki -	1,97	1,95	1,93	2,02	1,98
Kr -	1,13	1,19	1,19	1,28	1,21
Al ₂ O ₃ /Fe ₂ O ₃ -	2,28	2,64	2,78	3,05	2,84
Ca (mE/100 g)	1,7	1,2	1,1	0,8	0,6
Mg "	1,0	0,4	0,5	0,3	0,4
K "	0,39	0,04	0,04	0,04	0,04
Na "	0,01	0,01	0,02	0,02	0,02
S "	3,1	1,7	1,7	1,7	1,7
Al "	0,8	0,7	1,1	1,2	1,3
H+Al "	5,0	3,2	3,5	3,2	3,1
T "	8,9	5,6	6,3	5,6	5,5
T(arg.) "	14	7	9	7	7
V %	35	30	26	20	20
Sat. Al "	20	20	39	50	45
Cascalho "	-	-	-	-	-
Areia grossa "	7	5	5	4	4
Areia fina "	6	4	4	14	5
Silte "	25	19	17	15	16
Argila "	62	72	74	77	75
Argila natural "	28	0	0	0	0
Agregação "	55	100	100	100	100
Silte/argila -	0,40	0,26	0,25	0,18	0,23
Textura -	C	Cp	Cp	Cp	Cp

C - argila; Cp - argilo-pesada. Fonte: BRASIL (1973).

Tabela 30. Informações do perfil RS-25 da unidade Ciríaco.

a) Classificação: SBCS - BRUNIZÉM AVERMELHADO raso textura argilosa (Brasil 1973), CHERNOSSOLO ARGILÚVICO Férrico típico (Streck et al. 2002); Soil Taxonomy - Argiudoll. b) Localização: Município de Sarandi, na estrada Rondinha - Ronda Alta, próximo a Rondinha. c) Geologia regional: eruptivas básicas, basalto. d) Material de origem: Meláfiro. e) Geomorfologia: planalto. f) Situação do perfil: corte de estrada na meia encosta de uma elevação com 42% de declive. g) Declividade: 42%. h) Erosão: não determinada. i) Relevo: forte ondulado formando vales em V com fundo chato. j) Suscetibilidade à erosão: moderada. l) Pedregosidade: não há. m) Rochosidade: não há. n) Drenabilidade: moderadamente drenado. o) Vegetação: plantio de aveia e azevém para corte. p) Descrição do perfil: q) Altitude: 380 metros.

(hz)	(cm)	(solo)
A _p	0-25	Bruno-avermelhado-escuro (5Yr 3/2, úmido); bruno-avermelhado escuro (5YR 3/2, úmido amassado); franco-arenoso; fraca, pequena e média, granular; poroso; solto, friável, muito plástico e não pegajoso; transição difusa e plana; raízes abundantes.
A ₃	25-48	Bruno-avermelhado-escuro (5YR 3/2, úmido); bruno-avermelhado-escuro (5YR 3/2, úmido amassado); franco-argiloso; fraca, pequena blocos subangulares e fraca pequena, granular; poroso; macio, friável, muito plástico e não pegajoso; transição clara e plana ; raízes comuns.
B ₂	48-90	Bruno-avermelhado-escuro (5YR 3/3, úmido); bruno-avermelhado-escuro (5Yr 3/3, úmido amassado); franco-argiloso; forte, média e grande, blocos subangulares; cerosidade forte e abundante; pouco poroso; e muito duro, firme, muito plástico e ligeiramente pegajoso; transição abrupta e ondulada; raízes ausentes.
R	90-150+	Fragmentos com 15 a 30 cm de comprimento de meláfrio em decomposição.

Fonte: BRASIL (1973).

Tabela 31. Resultados das análises do perfil RS -25 da unidade Ciríaco.

Fatores	Horizontes			
	A _p	A ₃	B ₂	R
Espessura (cm)	0-25	25-48	48-90	90-150 +
C. orgânico %	1,65	1,08	0,59	
N	0,15	0,11	0,08	
C/N	11	10	7	
M. O. %	2,87	1,88	1,03	
P ppm	3	2	1	
pH (H ₂ O)	5,9	6,2	6,7	
pH (KCl)	5,0	5,1	5,5	
SiO ₂ %	11,2	12,0	22,1	
Al ₂ O ₃ "	5,3	6,0	12,3	
Fe ₂ O ₃ "	24,5	24,4	21,3	
TiO ₂ "	7,99	8,97	6,98	
P ₂ O ₅ "	0,33	0,23	0,20	
MnO "	-	-	-	
Ki	3,63	3,38	3,49	
Kr	0,912	0,94	1,45	
Al ₂ O ₃ /Fe ₂ O ₃ -	0,34	0,39	0,90	
Ca (mE/100 g)	10,9	11,4	16,1	
Mg	2,0	2,0	4,0	
K	0,08	0,06	0,04	
Na	0,03	0,03	0,04	
S	12,7	13,4	20,0	
Al	0	0	0	
H+Al	5,0	3,7	2,6	
T	17,7	17,0	22,8	
T(arg.)	-	-	-	
V %	72	79	89	
Sat. Al	0	0	0	
Cascalho	1	5	1	
Calhaus	0	3	0	
Areia grossa	26	22	11	
Areia fina	16	15	13	
Silte	40	40	36	
Argila	18	23	39	
Argila natural	6	12	23	
Agregação	66	50	17	
Silte/argila	2,22	1,73	0,92	
Textura	SL	CL	CL	

SL - franco-arenoso; CL - franco-argiloso.

Fonte: BRASIL (1973).

Tabela 32. Informações do perfil RS -38 da unidade Charrua.

a) Classificação: SBCS - Solos Litólicos Eutróficos (Brasil 1973), NEOSSOLO LITÓLICO Eutrófico chernossólico (Streck et al. 2002); Soil Taxonomy - Hapludoll. b) Localização: Município de Porto Lucena, na estrada Porto Lucena - Santo Cristo, a 3 Km de porto Lucena. c) Geologia regional: eruptivas básicas, basalto. d) Material de origem: eruptivas básicas (basalto amigdalóide). e) Geomorfologia: planalto. f) Situação do perfil: corte de estrada na meia encosta de uma elevação com 25% de declive. g) Declividade: 25%. h) Erosão: não determinada. i) Relevô: forte ondulado a montanhoso, apresentando vales em V. j) Suscetibilidade à erosão: moderada. l) Pedregosidade: - %. m) Rochosidade: - %. n) Drenabilidade: bem drenado. o) Vegetação: Capoeira. Na região, nesta época, observam-se culturas de soja e milho consorciadas. Na área cultivo de cana-de-açúcar para forragem.p) Descrição do perfil: - . q) Altitude: 220 metros.

(hz)	(cm)	(solo)
A	0-20	Bruno-avermelhado-escuro (5YR 3/2, úmido); franco-siltoso; fraca, pequena, granular; muito poroso; macio, friável, ligeiramente plástico e não pegajoso; presença na parte inferior do horizonte de pedras arestadas e algumas arredondadas com 5cm de diâmetro, em média; transição gradual e plana; raízes abundantes. As raízes são compridas e penetram entre as pedras de horizonte R. No horizonte A ocorrem pequenos fragmentos de rochas em decomposição.
R	20-110 +	Rocha em decomposição constituída por pedras arestadas (basalto) e algumas arredondadas (basalto amigdalóide) que aumentam de tamanho a medida que o perfil se aprofunda. Obs.: - Na superfície do solo ocorrem inúmeras pedras arredondadas.

Fonte: BRASIL (1973).

Tabela 33. Informações do perfil RS-38 da unidade Charrua.

Fatores	Horizontes	
	A	R
Espessura	0-20	20-110 +
C. orgânico %	2,20	0,93
N	0,25	0,10
C/N	9	9
M. O. %	3,82	1,62
P ppm	31	34
pH (H ₂ O)	5,8	6,0
pH (KCl)	4,7	4,7
SiO ₂ %	27,1	29,1
Al ₂ O ₃ "	10,8	12,8
Fe ₂ O ₃ "	24,06	24,11
TiO ₂ "	3,73	3,84
P ₂ O ₅ "	0,29	0,28
MnO "	-	-
Ki	4,25	3,87
Kr	1,76	1,76
Al ₂ O ₃ /Fe ₂ O ₃ -	0,70	0,83
Ca (mE/100 g)	33,0	32,9
Mg	5,4	6,7
K	0,56	0,45
Na	0,04	0,07
S	39,0	40,1
Al	0,2	0,2
H+Al	6,6	5,6
T	45,8	45,8
T(arg.)	-	-
V %	85	88
Sat. Al	0	0
Cascalho	9	-
Calhaus	32	-
Areia grossa	14	25
Areia fina	14	19
Silte	62	41
Argila	11	15
Argila natural	9	14
Agregação	23	8
Silte/argila	5,63	2,73
Textura	SiL	-

SL - franco-arenoso.

Fonte: BRASIL (1973).

Uso da terra

A forma com que a terra tem sido usada, ao longo do tempo, tem marcado as gerações passadas. No RS, a pecuária não deixou marcas nos solos, pois os cultivos que a acompanhavam eram insignificantes e localizados apenas para a subsistência, onde a carne, era quase somente o alimento básico. No município de Chiapetta, na década de 50 no século passado, dois períodos críticos foram marcantes na estrutura econômica e social local, a fragmentação das grandes fazendas, concomitantemente com a derrubada da floresta e o estabelecimento de um modelo de agricultura intensiva, com o início de um processo produtivo acentuado. A colonização, ou seja, a ocupação da terra em pequenas propriedades, onde a agricultura se tornou a fonte básica de subsistência, trouxe os problemas conseqüentes do uso intensivo. A erosão e a perda gradativa da fertilidade. Esses dois fatores, que eram comuns em todo o País, por quase meio século envolveram uma grande fonte de recursos, no que se refere à pesquisa nas áreas agrícolas e a adição de insumos necessários à correção dos solos.

As pesquisas nesses solos até 1990 tinham como prioridade a contenção dos processos erosivos e a correção dos solos com respeito à reposição de nutrientes (fósforo) e controle da acidez (calcário). Posteriormente estudos paralelos como o de Oliveira (1970) acentuaram o grande suprimento de potássio desses solos em cultivos sucessivos. Nesse período, muito se estudaram sobre os atributos de tais solos. Com isso, muitos parâmetros físicos foram determinados, principalmente os que avaliaram as variações entre o solo sob floresta e o submetido ao uso agrícola contínuo.

Pesquisas acentuaram os conhecimentos das relações solo-água e a dinâmica do movimento da água, à medida que a degradação se efetua (Dederech (1974); Denardin (1978). Posteriormente, Rosa (1981) apresentou proposições de correção dos processos de degradação (erosão, adensamento, baixa infiltração, etc.) e acentuou, além dos problemas decorrentes do uso agrícola, um manejo para as correções da compactação de horizontes subsuperficiais ocasionados pelo uso da maquinaria agrícola.

A partir da década de 90, as pesquisas continuaram em relação às degradações físicas condicionadas pelo uso. Foram além, expandiram-se na procura de manejos adequados para a nova dinâmica de plantio direto, que controlava em 90% a erosão, mas não se apresentava como um manejo definitivo. Entretanto, deve-se acentuar que o controle quase efetivo desse processo erosivo, por técnicas de plantio direto, trouxe uma tranquilidade aos agricultores e aos que buscavam soluções, ou seja, a pesquisa aliada a um sistema de apoio de órgãos de extensão muito atuantes. As técnicas, agora em vigor, estão, de certa forma, estabilizando as atividades no campo, mesmo com uma degradação física pouco aparente das terras. Esse aspecto que situou as lavouras, até as áreas de alto risco, contribuiu para um aumento de produção, que está no limite possível, pela expansão das áreas agrícolas. O controle dos efeitos erosivos ainda vigentes, que é uma busca contínua da pesquisa, atualmente está muito relacionado às coberturas vegetais nos intervalos entre as culturas produtivas de grãos. O manejo, com culturas de cobertura, objetiva, além de servir de adições de resíduos orgânicos, que subsidiam as culturas posteriores, recuperar parte das estruturas e porosidade do solo e redução do adensamento das camadas inferiores do solo, através de sistemas radiculares profundos (Fontaneli et al., 1997).

Entretanto, a estabilidade do modelo produtivo atual é posta em dúvida, com a hipótese de que não haverá sustentabilidade com base em produtos da agroindústria química. As primeiras interrogações lógicas pressupõem alterações e mudanças no ecossistema, onde a água vai ser a primeira atingida. O solo, pela grande espessura e alta capacidade de adsorção, certamente não irá apresentar sintomas de mudanças para a geração atual, salvo a degradação física (compactação), que desde o início da mecanização agrícola já tem sido constatada.

A agricultura do futuro não se prenderá somente à adição de produtos, como atualmente está ocorrendo. A água deverá ter uso incrementado, sempre que disponível, e sua relação com o solo deverá ser melhor estudada, já que a deficiência atual nas culturas de verão é marcante, com perdas anuais variáveis. Além disso, a água será veículo de adição de nutrientes e, conseqüentemente, fonte de contaminação do solo. Outras associações de plantas e manejo de culturas, em relação às posições do relevo, certamente deverão ser analisadas para novas espécies, quando as modificações da economia tornarem inviáveis as culturas atuais.

Em locais de um Brasil já desenvolvido no seu sistema agrícola, a classificação de capacidade de uso da terra deixou de ser um caminho para o uso posterior, e atua mais como uma indicação da potencialidade de onde e como as terras estão sendo usadas. Assim constata-se que as variações dos graus de limitações, dessas terras de chapadas (P_0) e coxilhas (P_1), estavam situadas na suscetibilidade a erosão (e) e na alta acidez e deficiência de fósforo (s), não se considerando as condições climáticas que seguidamente limitariam as colheitas (Tabela 34).

Tabela 34. Unidades de relevo, limitações do solo, suscetibilidade à erosão, falta e excesso de água, e emprego de mecanização, classes de aptidão agrícola e capacidade de uso das terras.

Unidades	Limitações das Terras					Classes	
	Fertilidade*	-H ₂ O ** (déficit)	+H ₂ O (drenagem)	Erosão	Mecanização	Apt. agrícola	Cap. de uso
P ₀	L	L/M	N	L/M	N	1aBC	IIse
P ₁	L	L/M	N	M/F	N	1abC	IIIse
Va	L/N	L	L/M	L	N/L	2a(b)	VI sed
Ve	L/N	L	L/M	F	L/M	4P	VII sed

*Limitações relativas à aptidão agrícola: N-nula; L-ligeira; M-moderada; F-forte; MF-muito forte

**O grau de limitações segue os conceitos gerais de Ramalho Filho & Beek, 1995. Entretanto, foram estabelecidos para definir toda a variabilidade de déficit hídrico das distintas regiões do país. No caso, são muito amplos e não caracterizam as estiagens de verão locais, que limitam a produtividade.

Os fatores econômicos que controlam as correções possíveis atualmente (herbicidas, calcários e fosfatos) seriam um caminho para uma classificação moderna. No caso regional, ao se separar as classes, presume-se que as terras mais íngremes, no caso as coxilhas, seriam de uma outra classe inferior, pois estariam mais sujeitas a serem erodidas, pelo uso indevido, do que as chapadas, se não cultivadas pelo sistema que utiliza o plantio direto.

Entretanto, antes da disponibilidade de uma nova taxonomia, que trate do uso da terra, está se propondo essa sistemática existente para caracterizar a potencialidade agrícola dessa região.

No sistema ainda vigente, as terras foram distribuídas nas unidades de formas de relevo (Tabela 35).

Com objetivo de caracterizar as terras, para um País onde há agricultores de todas as classes sociais, e

as tecnologias empregadas na agricultura vão, desde primárias a muito desenvolvidas, Ramalho Filho & Beek (1978) propuseram o Sistema de Aptidão Agrícola.

Similar ao sistema anterior, os grupos propostos visam qualificar as terras em função das suas deficiências ao uso agrícola (Tabela 34). O peso da suscetibilidade à erosão, atenuado de certa forma, torna o sistema menos diferenciado entre os grupos. Cabe acentuar que esse sistema foi proposto para um Brasil predominantemente subdesenvolvido em termos de práticas agrícolas. Nesse caso, o fator econômico prevê três usuários, com distintos níveis de manejo (primitivo, pouco desenvolvido e desenvolvido). Quando proposto para uma região muito desenvolvida, no campo agrícola, os mapas das terras praticamente se confundem com o Sistema de Capacidade de Uso. Assim, pelo sistema proposto, as terras seriam classificadas conforme a (Tabela 36).

Tabela 35. Formas de relevo e classes e limitações de capacidade de uso das terras.

Unidades de Relevo	Classes	Limitações
Chapadas	IIse	Terras aptas a cultivos anuais com leves limitações de solo (fertilidade), suscetibilidade a erosão e deficiência hídrica ocasional.
Coxilhas	IIIse	Terras aptas a cultivos anuais com limitações de solo (fertilidade), suscetibilidade a erosão e deficiência hídrica ocasional.
Vales aplainados	VIIsed	Terras aptas a cultivos perenes com limitações de solo, suscetibilidade a erosão e excessos de umidade ocasionais.
Vales íngremes	VIIIsed	Terras aptas a uso com silvicultura e pastagem perene em geral com limitações de solos, suscetibilidade a erosão e excessos de umidade ocasionais.

Tabela 36. Formas de relevo e subgrupos de aptidão agrícola das terras.

Formas de relevo	Legenda	Subgrupos	Limitações
Chapadas	P ₀	1aBC	Terras " <u>boa</u> " para cultivos em sistemas desenvolvidos e " <u>regular</u> " para sistema pouco desenvolvido, com limitações de custo operacional.
Coxilhas	P ₁	1abC	Terras " <u>boa</u> " para sistema desenvolvido e " <u>regular</u> " para sistemas pouco desenvolvidos.
Vales aplainados	Va	2a(b)	Terras " <u>regular</u> " para cultivos com baixa tecnologia e " <u>restrita</u> " para cultivos com sistemas pouco desenvolvido.
Vales íngremes	Ve	4P	Terras " <u>boa</u> " para pastagem cultivada, cultivos perenes e silvicultura.

Conclusões

O estudo de solos do município de Chiapetta, em nível de reconhecimento, situado na parte noroeste do Planalto RS, mais precisamente entre as antigas regiões das Missões e Alto Uruguai, caracteriza um planalto em fase de dissecação pelos processos erosivos naturais. Esse planalto é constituído, a sudeste, na parte menos erodida, por um relevo suave ondulado, pela individualização gradativa com formas de chapadas, lisas, com amplas encostas, segmentadas parcialmente por depressões, com formas de vales que formam um sistema de drenagem antigo e raso. Onde os processos erosivos são mais atuantes, ao norte, junto aos rios Buricá e Inhacorá, as formas mais dissecadas do planalto formam um relevo ondulado, aparentando as coxilhas do sul. Suas chapadas estreitas adquirem formas alongadas e roliças. Os vales entre essas formas de relevo são estreitos e profundos.

A vegetação, outrora de mata composta pela formação Floresta Estacional Decidual Submontana está completamente extinta e as terras estão cobertas por culturas sucessivas anuais de verão e inverno, com predominância de soja e trigo. Os solos, desenvolvidos de rochas basálticas de natureza alcalina, se estabelecem em sucessivos estratos, através de fissuras que romperam a superfície em períodos do Jurássico e Cretáceo. Localmente, o conjunto desses estratos chega a aproximadamente 130 metros sobre rochas sedimentares (arenito Botucatu), que possuem alta reserva de água freática.

Os solos foram antes denominados de Latossolo Roxo Distrófico por Costa Lemos, em Brasil (1973) e IBGE (1986). Esse último ainda constatava a existência de Terra Roxa Estruturada. Atualmente, além dos processos intensivos de intemperização (laterização) e outros atributos, constata-se um horizonte subsuperficial com estrutura moderada a forte em blocos subangulares médios a pequenos, com cerosidade na superfície dos blocos. Pela conjugação desses fatores, esses solos estão sendo denominados de Nitossolos Vermelhos Distroférricos latossólicos, na maior parte. Alguns locais compõem solos Eutroférricos. Raramente, nas áreas mais íngremes, ocorrem Chernossolos Argilúvicos Fér-ricos saprolíticos que, embora laterizados, na parte inferior, se assemelham às unidades descritas como Ciríaco e Charrua de Costa Lemos em Brasil (1973).

Quanto ao uso agrícola, o sistema de classificação (capacidade de uso das terras), que se propunha a uma ordenação do controle da degradação das terras, nessa agricultura local desenvolvida, objetiva apenas de caracterizar a alta potencialidade agrícola

local das terras situadas em chapadas e coxilhas (classe IIse - 47,17% e IIIse - 15,16%) próprias a cultivos anuais. Os vales, com maiores reservas próprias de água, além de comportarem as moradias dos agricultores, caracterizam terras que devem ser protegidas dos processos erosivos decorrentes das inundações (classe VIse - 33,85% e VIIse - 3,82%) próprias à agricultura familiar e silvicultura. Os processos de degradação e sustentabilidade dessa agricultura, muito produtiva, baseada na adição de produtos químicos, é que estão em aberto para a pesquisa.

Agradecimentos

Este trabalho contou com o apoio dos seguintes estagiários:

Roger Garcia Mendes
Daniel Farias Jacinto
Rafael Lizandro Schumacher
Lilian Rosa Duarte
Juliana Brito da Silva

Referências bibliográficas

- BRASIL. Ministério da Agricultura. **Levantamento de reconhecimento dos solos do Estado do Rio Grande do Sul**. Recife, 1973. 431p. (Boletim Técnico, 30).
- CHIAPETTA. Prefeitura Municipal. **Plano municipal de desenvolvimento da agropecuária**. Chiapetta, 2000. 17p.
- DEDECEK, R.A. **Características físicas e fator de erodibilidade de oxissolos do Rio Grande do Sul. I. Unidade Erexim, Passo Fundo e Santo Ângelo**. Porto Alegre: UFRGS, 1974. 132p.
- DENARDIN, J.E.; RAMOS, P.D. de C.; WUNSCH, W.A. **Determinação do fator comprimento de rampa de um latossolo vermelho escuro álico** (unidade de mapeamento Passo Fundo). [S.l.; s. n., 1978]. Não paginado.
- EMBRAPA. Serviço Nacional de Levantamento e Conservação de Solos. **Manual de métodos e análises de solos**. Rio de Janeiro, 1979. Não paginado.
- EMBRAPA. Centro Nacional de Pesquisa de Solos (Rio de Janeiro, RJ). **Sistema brasileiro de classificação de solos**. Brasília: Embrapa Produção de informação; Rio de Janeiro: Embrapa Solos, 1999. 412p.

ESTADOS UNIDOS. Department of Agriculture. Soil Survey Staff. **Soil survey manual**. Washington: USDA, 1951. 503p. (USDA. Agriculture Handbook, 18).

FONTANELI, R.S.; DENARDIN, J.E.; FAGANELLO, A.; SATTler, A.; RODRIGUES, O. **Manejo de aveia preta como cultura de cobertura de solo no sistema plantio direto**. Passo Fundo: Embrapa Trigo, 1997. 18p. (Embrapa Trigo. Boletim Técnico, 2).
HOLZ, M. **Do mar ao deserto: a evolução do Rio Grande do Sul no tempo geológico**. Porto Alegre: Ed. Universidade/ UFRGS, 1999. 142p.

IBGE. Folha SH. 22 Porto Alegre e parte das folhas SH. 21 Uruguaiana e SI. 22 **Lagoa Mirim: geologia, geomorfologia, pedologia, vegetação, uso potencial da terra**. Rio de Janeiro, 1986. 796p. 6 mapas. (Levantamento de Recursos Naturais, 33).

LEINZ, V.; AMARAL, S.E. do. **Geologia geral**. 6. ed. São Paulo: Nacional, 1975. 360 p.

LEPSCH, I.F.; BELLINAZZI, JUNIOR. R.; BERTOLINI, D.; ESPINDOLA, C.R. **Manual para levantamento utilitário do meio físico e classificação de terras no sistema de capacidade de uso**. Campinas: SBSC, 1983. 175p.

OLIVEIRA, O.G. de. **Santo Augusto - RS; 1815/20 até 1940**. Porto Alegre: EVANGRAF, 2000. 159p.

OLIVEIRA, V. **Formas de potássio em 21 solos do Rio Grande do Sul e sua capacidade de suprir potássio as plantas**. 1970. 76p. Dissertação (Tese de Mestrado) - Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 1970.

RAMALHO FILHO, A.; BEEK, K.J. **Sistema de avaliação da aptidão agrícola das terras**. 3. ed. Rio de Janeiro: EMBRAPA-CNPS, 1995. 65p.
ROSA, A.D. **Práticas mecânicas e culturais na recuperação de características físicas de solos degradados pelo cultivo - Solo Santo Ângelo - (Latossolo Roxo Distrófico)**. Porto Alegre: UFRGS, 1981. 23p.

SOMBROEK, W.G. **Soil studies in the Merin Lagoon basin**. Treinta y Tres: CLPM/PNUD/CLM/PNUD/FAO, 1969. v.1.

SILVA, I. de F. da. **Efeitos de sistemas de manejo e tempo de cultivo sobre propriedades físicas de um latossolo**. 1980. 70p. Dissertação (Mestrado em Concentração de Solos) - Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 1980.

STRECK, E.U.; KÄMPF, N.; DALMOLIN, R.S.D.; KLAMT, E.; NASCIMENTO, P.C. do; SCHNEIDER, P. **Solos do Rio Grande do Sul**. Porto Alegre: EMATER-RS: UFRGS, 2002. 107p.

TEDESCO, M,J.; VOLKWEISS, S,J.; BOHNEN, H. **Análises de solo, plantas e outros materiais**. Porto Alegre: UFRGS, 1985. 188p. (Boletim Técnico, 5).

USA. Department of Agriculture. Soil Survey Staff. **Keys to soil taxonomy**. 7. ed. Washington: Natural Resources Conservation Service, 1996. 644p.

Circular Técnica, 38

Ministério da Agricultura,
Pecuária e Abastecimento

GOVERNO
FEDERAL

Exemplares desta edição podem ser adquiridos na:

Embrapa Clima Temperado

Endereço: BR 392, Km 78, Caixa Postal 403
Pelotas, RS - CEP 96001-970

Fone: (0xx53)275-8100

Fax: (0xx53) 275-8221

E-mail: www.cpact.embrapa.br
sac@cpact.embrapa.br

1ª edição

1ª impressão (2004): 100

Comitê de publicações

Presidente: Walkyria Bueno Scivittaro

Secretário-Executivo: Joseane Mary Lopes Garcia

Membros: Cláudio Alberto Souza da Silva, Lígia
Margareth Cantarelli Pegoraro, Isabel Helena
Vernetti Azambuja, Cláudio José da Silva Freire,
Luís Antônio Suíta de Castro, Sadi Macedo Sapper,
Regina das Graças Vasconcelos dos Santos

Expediente

Supervisor editorial: Sadi Macedo Sapper

Revisão de texto: Sadi Macedo Sapper

Editoração eletrônica: Oscar Castro